

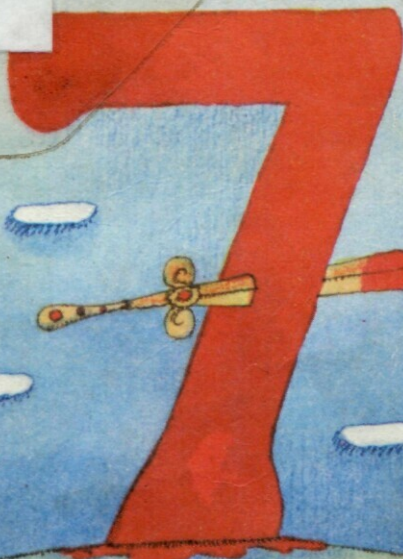
Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0027607

2ª edição

ORTE TEM



HERDEIROS



808.068
C311m
2. ed.

EDITORIA MODERNA

Stella Carr e Ganymédes José

Crazille Talia Parenti
6º e nº 27

Pertence agora à

Christine
Lorena

A MORTE TEM

**7
HERDEIROS**

(A NOITE EM QUE AGATHA CHRISTIE
VISITOU JACURUÇUNGA)

2ª edição

208.068
C311m
2. ed.

50077607

087.1
CAR
2. ed.

III
EDITORA
MODERNA

Edição de texto

Maristela Petrili de Almeida Leite

Revisão

Suely Fátima de Campos Faria

Artes

Maria Cristina Simi Carletti

Antenor Lago

Edilson Felix Monteiro

Oséias Dias Sanches

capa e ilustrações: Helena Alexandrino

Composição

Linoart

Fotolitos

HQP e Cynril

Impressão

Milesi



CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Carr, Estela.

C299m A morte tem sete herdeiros / Stella Carr,
2.ed. Ganimédes José. — 2. ed. — São Paulo : Ed.
Moderna, 1982.

Bibliografia.

1. Literatura infanto-juvenil I. Olivei-
ra, Ganimedes José Santos de, 1936— II. Tí-
tulo.

82-0818

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Afonso Brás, 431

Tel.: 531-5099

CEP 04511 - São Paulo - SP - Brasil

1982

Impresso no Brasil

Dedicamos este livro a todos os leitores inte-
ligentes: jovens e idosos, nacionais e estrangei-
ros, letrados e analfabetos, vivos e mortos, isto é,
a todos aqueles que — resistentes — consegui-
rem chegar inteiros às páginas finais desta es-
tória.

Os Autores

Personagens:

Rogério Matta Leitão — o morto

Sabina Matta Leitão — finada mulher do morto Rogério, há 15 anos

Sobrinhos candidatos a herdeiros:

Celina — a sobrinha caçula

Tiago

Tereca — mulher de Tiago

Felipe

Abigail — mulher de Felipe

Ermezinda — a sobrinha mais velha

Gumercindo — noivo eterno de Ermezinda

Leopoldina

Jorginho

Eduardo

Everardo Pedrosa — *médico* da família Matta Leitão

Cacilda — mulher de Pedrosa, *enfermeira* da falecida Sabina

Zezé — *empregada* antiga da família

Caledônia Fontão — a Caolha

Os autores se reservam o direito de apresentar de surpresa personagens misteriosas não anunciadas, de pregar sustos nos leitores, e de manter o assassino ou assassinos em segredo até o fim.



Lá estava o morto no caixão, muito bem embalado num enterro de primeira, tipo luxo.

Em volta, com cara e roupa de velório, reuniam-se os sete herdeiros, cada um caprichando mais em seu papel de parente inconsolável.

— Um cafezinho? — ofereceu Celina, a mais nova dos sobrinhos de Rogério Matta Leitão, a uma senhora alta e magra, de cara esverdeada e cabelos arameados de laquê.

— De que ramo da família vocês são? — perguntou a presidenta da Liga das Senhoras Jacuruçunguenses devolvendo a xícara à enlutada Celina, que se empinou toda como se tivesse sido espetada pela pergunta, e deitou sua melhor pinta de nobre quatrocentona.

— Por acaso são parentes dos Matta de Espinhão Paulista, ou dos Leitões de Cocheiral Bonito? De onde *mesmo* vocês vieram? — continuou a presidenta com a suavidade de uma locomotiva.

— A origem da família é mais antiga que a cidade — respondeu Celina, empurrando uns salgadinhos para ver se tapava a boca da incômoda visita.

A presidenta mastigou a empadinha com o lado direito da bochecha, enquanto o lado esquerdo continuava:

— Por acaso os Matta Leitão não seriam descendentes dos barões de Urtigal?

— Só quem entendia dessas coisas era tio Rogério — respondeu a moça, furiosa, tentando espantar da cabeça a lembrança do avô Tertulino, de facão na mão, correndo atrás da porca gorducha e caindo de nariz no chão, o bicho levando a melhor.

— É uma bela casa a de vocês — continuou a presidenta, calculando o valor da herdeira em futuras doações. — A dois quarteirões da igreja, quase no centro, deve valer um dinheirão!

Celina apertou o lenço na cara espremida de choro fingido, pra abafar o assunto. Será que aquela casa “desbriçada”, cheia de quartos bolorentos e portas rangedoras, onde só faltava sair morcegos de dentro dos armários, valia tanto assim?

Em volta do caixão, os outros sobrinhos candidatos-a-herdeiros montavam guarda. Tiago, Eduardo e Jorginho de um lado, com Tereca, mulher do primeiro — e Ermezinda, Leopoldina e Abigail, com o marido Felipe, do outro.

— Croquete? — ofereceu Zezé, antiga empregada da família, a duas mulheres de preto que cochichavam.

— Uma morte estranha, muito estranha — comentou a mais velha, agente dos correios, assim que a empregada se afastou. — Chamava-se Sabina, a mulher dele. Não é de seu tempo — continuou ela, dirigindo-se à mais nova, regente do coro da igreja, que balançava o terço enquanto mexia a boca, pra disfarçar a fofoca.

— Não tiveram filhos — prosseguiu a mais velha. — Daí os sobrinhos sempre rondando, adulando, de olho na herança. Mas mesmo eles, com o tempo, foram se afastando.

— E a senhora, não freqüentava a casa? — perguntava a mais nova.

— Não se davam com ninguém. Os Matta Leitão sempre foram muito orgulhosos, viviam isolados neste casarão apavorante. Só o doutor Pedrosa e a mulher, Cacilda, freqüentavam a casa. Ela foi enfermeira de Sabina. Mas o casal nunca toca no assunto e, quando se fala nisso, des-
conversam.

Cacilda e Everardo Pedrosa estavam do outro lado da sala. E foi naquele exato momento que *a coisa* aconteceu!

Celina arrumava um veuzinho preto que envolvia a cabeça do tio, quando viu uma fumacinha saindo pelo nariz do morto.

Correu para o banheiro, abriu a caixa de primeiros-socorros e retirou de dentro dois chumaços de algodão. Voltando à sala, espetou os ditos-cujos, o mais discretamente possível, nas cavidades nasais do falecido.

“Do tio Rogério pode-se esperar tudo!” — pensou. — “Até deitar fumaça feito chaminé, depois de morto!”

Foi então que todos sentiram aquela estranha corrente de ar, aquele arrepio na espinha, mas ninguém notou a cortina, que dava para o corredor da escada, se afastar sozinha.

O tecido esfiapado e cheirando a mofo bateu num vaso de flores, que estava sobre a mesinha do saguão, derrubando a água e fazendo pocinha no chão. Em seguida, passos sem som foram subindo a escada, deixando pegadas molhadas na passadeira.

No andar de cima, deserto àquela hora, uma porta abriu de mansinho e tornou a fechar. E naquele momento os relógios pararam.

Sentado no banquinho da copa, o doutor Pedrosa engoliu o café recém-coado que a empregada Zezé lhe estendeu. Depois olhou para Cacilda e perguntou:

— O que deu em você, mulher, pra sair da sala nervosa daquele jeito?

Cacilda baixou o rosto e cochichou no ouvido do marido:

— Então você não viu?

— Viu o quê?

— A fumacinha querendo sair do nariz do morto?

— Você está mais doida do que eu imaginava. Rogério já não fumava em vida, quanto mais em morte recente! Guardou até o último charuto como troféu!

— Pois ele fumaçou, Pedrosa. Eu juro! Não sei como pôs a fumaça pra dentro, mas que botou pra fora, botou. Eu vi. A nuvenzinha apon-
tou duas vezes, sai-não-sai, como se tivesse explorando o ambiente. Depois saiu de uma vez.

Everardo Pedrosa olhou penalizado para a mulher. Era nisso que dava assistir àqueles filmes de terror, da sessão das onze, na televisão. Ou será que ela sabia *algo mais*? Não, não podia ser. Ela só sabia o que ele mesmo havia contado — pensou o médico.

Hora de fechar o caixão. Celina Matta Leitão teve um hipócrita acesso de choro com um olho só — o outro vigiava o nariz algodoado do morto, pra ver como se comportava.

Cacilda e Pedrosa voltaram para perto do falecido; vizinhos e curiosos que, pela primeira vez, tiveram pretexto para entrar na casa, se afastaram, deixando os parentes na frente. O padre encomendou o defunto e pronto. Tampou-se o morto.

Um suspiro de alívio rodou pela sala.

— Acho que agora ele foi mesmo — cochichou Tiago para a mulher Tereca que, deixando cair a máscara, completou:

— E já não era sem tempo!

Do outro lado da sala, Celina desabafou para Felipe e a prima Abigail:

— Acabou-se o pesadelo. Ele nos controlando, nos vigiando. . .

— Amenzíssimo — respondeu Felipe.

Everardo Pedrosa puxou a mulher para junto da escada e falou:

— Querida, é agora ou nunca. Vou tentar encontrar *aquilo*.

— Agora? Mas o enterro já vai sair, vão dar pela sua falta!

— Tem que ser agora. Rogério exigiu que todos passassem a noite na casa, até amanhã, para a abertura do testamento. Se eu não voltar a tempo, diga que tive um chamado urgente. Se o diário não for encontrado, muitas pessoas da cidade vão sofrer com isso — justificou o médico.

Cacilda avisou ansiosa:

— Se achar, não perca tempo lendo. Leve-o logo para casa, promete?

Everardo subiu as escadas silenciosamente e desapareceu no andar de cima.

— Onde será que Rogério guardou? Tenho que encontrar esse diário depressa, ou estou perdido! — resmungou o médico.

Será que o velho havia registrado ali, mesmo, tudo o que tinha acontecido? O senso de humor negro de Rogério era mais que conhecido. Ou seria apenas mais uma brincadeira de mau gosto, para atormentar as pessoas?

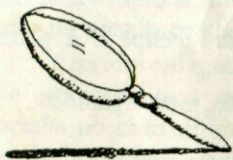
Everardo não podia arriscar. Alcançou o quarto do morto, abriu a porta e entrou nervoso. Acendeu a luz. Quando olhou para a cama, quase desmaiou de susto! Sobre a colcha de crochê de quadrados e bicos, as roupas do morto, estendidas, imitavam a figura de Rogério vivo. As calças, a camisa dentro do colete e o paletó; o cachecol de laninha enrolado num laço vazio, com o chapéu por cima e um charuto espetado no lugar que seria da boca.

Nos pés, os sapatos de bico fino. E, empunhada pelas luvas de pelica, a famosa bengala de cara-de-cachorro, que Rogério jamais largara em vida.

— Quem fez essa brincadeira estúpida? — gemeu Everardo com voz apavorada.

Nessa hora as luzes se apagaram. E o médico sentiu uma tremenda bengalada no trazeiro!

Everardo desceu as escadas na mais desembestada corrida.



2

Quando o médico aterrizou no saguão, o enterro já ia saindo, com os quatro herdeiros carregando as alças do caixão: Tiago, Jorginho, Eduardo e Felipe, marido de Abigail, com caras de seriedade forçada.

Everardo olhou para todos os presentes, tentando descobrir quem faltava dentre eles. Estavam todos ali no cortejo: Ermezinda, a sobrinha solteirona com humor de hiena, bico de periquito e vaidade de pavão;

Abigail, com cara de tonta (a sua de costume), logo atrás do marido Felipe; Tereca, emproada como uma perua, seguindo o marido Tiago; Leopoldina, se arrastando com a delicadeza de um hipopótamo; e Celina, com o lenço afundado no rosto, chorando cacarejado, como uma galinha.

Pedrosa ficou ali parado, os olhos arregalados, tentando entender como aquilo tinha acontecido. Quem teria dado a bengalada?

“Mas... onde estava Cacilda?” — indagou Everardo, dentro de seus miolos em curto-circuito.

Também não via Zezé por ali.

O cortejo fúnebre saiu a pé, em direção à praça da igreja, seguindo por mais algumas quadras até a rua do cemitério. Ao dobrar a esquina do clube, passou pelo bar onde a dona, — uma estranha mulher conhecida como *A Caolha* — sem o menor respeito, cuspiu no chão e falou furiosa:

— Vá pros quintos dos infernos, Rogério Matta Leitão! Você bem que merece!

A regente do coro da igreja e a agente dos correios trocaram olhares de cumplicidade. Abigail, que sempre fazia perguntas burras nas horas erradas, falou:

— Nossa! Por que será que ela fez isso?

A presidenta da Liga das Senhoras Jacuruçunguenses registrou o fato na cabeça, para futuras investigações, e Ermezinda fulminou a prima por detrás de seu véu preto. Ela era a única das sobrinhas enlutadas que tinha coberto a cara, o que chamou, é claro, a atenção de todo mundo para sua figura alta e ossuda.

A dona do bar entrou batendo a porta, e Ermezinda aproveitou o incidente para ir-se atrasando, sem que ninguém percebesse. Quando ficou fora da vista dos outros, a sobrinha voltou correndo para a mansão do tio.

Ermezinda mal teve tempo de se esconder de Everardo Pedrosa, que vinha saindo da casa, tentando recompor a dignidade da cara.

“Será que minha ausência foi notada no enterro?” — pensava o médico. — “Cacilda deve ter dado um jeito. Afinal, ela também está interessada em achar o diário, antes que caia em mãos estranhas.”

De repente, a bengalada de uma suspeita atingiu o médico, desta vez no peito:

“Cacilda estava interessada *demais* no diário. E por que tinha pedido a ele que não lesse antes de chegar em casa?”

Agora Pedrosa *tinha* que encontrar aquele maldito livrinho.

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou Zezé, olhando para o médico, com cara assombrada. Everardo voltou a si.

Zezé e o médico conversavam na porta da frente, impedindo a entrada de Ermezinda, que não pretendia ser vista.

— Droga! — resmungou ela. — Por que será que o doutor Pedrosa não está com os outros, acompanhando o enterro?

A sobrinha mais velha tinha pouco tempo para revistar as coisas do morto, antes que o resto da família voltasse. Deu a volta na casa e entrou pelos fundos.

“Será que mais alguém ouviu falar no misterioso diário?” — pensou.

Na ponta dos pés, Ermezinda atravessou a sala onde tudo cheirava a mofo, subiu as escadas e seguiu pelo corredor. De repente, sentiu um calafrio correr pela espinha. Uns sons suaves e melódiosos vinham de dentro do quarto de Sabina. Parecia música!

Verdade ou ilusão? Afinal a tia estava enterrada há mais de quinze anos!

“Impressão” — decidiu a sobrinha, girando a maçaneta da porta do quarto de Rogério, e pensando em como tinha sido esperta, providenciando para que ninguém notasse sua ausência no enterro.

— Todos vão jurar que eu estive lá o tempo todo — falou rindo, enquanto entrava no quarto. Mas o riso de hiena gelou na cara bicuda de periquito de Ermezinda, quando ela APAVORADA olhou para a cama do tio.

Sobre a colcha de quadrados, viu a roupa do tio cheia de ar, estufada como um balão, como se a alma do morto estivesse dentro dela.

A sobrinha avançou decidida e, armando-se da bengala de cara-de-cão que fora de Rogério, caiu de bengaladas sobre o fantasmagórico espantalho, que foi murchando, murchando, até voltar ao normal.

Então, mais calma, Ermezinda se aproximou da roupa tentando decifrar o mistério. Alguém tinha preparado aquilo. Mas *como*? E com que finalidade? Para afastar os curiosos daquele quarto, é claro!

Fechando a porta, a herdeira começou a procurar.

— Onde aquele velho múmia iria esconder um diário?

Abriu a gaveta da cômoda, revirou as roupas, tornou a fechar empurrando com força, deu um berro sem tom: tinha esquecido dois dedos lá dentro. Vasculhou todas as gavetas em vão. Revistou o guarda-roupa. Nada! Debaixo da cama, no jarro de louça... nadíssima!

— Velho idiota! — rosnou raivosa. — Onde você enfiou o maldito diário?

Ermezinda estava levantando a ponta do tapete, quando, lá embaixo, no saguão, Pedrosa conseguiu finalmente se livrar da empregada, que desapareceu pela porta da cozinha.

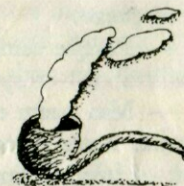
Everardo fingiu que saía da casa batendo a porta, mas entrou de novo e, numa corrida, subiu a escada. Precisava encontrar o diário!

Chegando no corredor de cima, parou e olhou em volta. Tudo em silêncio! Esperou alguns instantes com o coração na boca, ainda pensando na bengalada misteriosa. Afinal, *quem* podia ter feito aquilo? *Bengalas não têm vida própria!*

Everardo aproximou-se ainda tremendo do quarto proibido, girou a maçaneta e espiou. Mas, quando bateu o olho lá dentro, sentiu um choque elétrico do calcanhar às orelhas.

Lá dentro, deitada no chão, com a boca aberta e a língua de fora, — olhos esbugalhados — estava Ermezinda, com a bengala do morto enterrada no coração, em meio à maior sangueira.

3



Enquanto Pedrosa despencava pelas escadas, assustadíssimo, alguém saiu silenciosamente de dentro do armário, no quarto de Rogério.

A misteriosa personagem, ao ver o corpo de Ermezinda deitado no tapete, não sentiu nem espanto, nem emoção. Retirou a bengala, limpou na barra do vestido preto da recém-defunta, e pendurou (a bengala, é claro) na guarda da cama. Em seguida, fez algo estranho: amarrou um lenço no nariz da morta.

“Tenho pouco tempo” — pensou. — “Os outros já devem estar voltando. Onde pode estar esse nauseabundo diário?”

Lá embaixo, Pedrosa saiu pelos fundos e deu a volta na casa, cruzando com Celina e Leopoldina que vinham chegando na frente, seguidas de resto da família. Todos, menos Ermezinda.

Entraram discutindo, as mulheres criticavam alguém. Tereca falou: — Ela estava ridícula com aquela roupa preta, de véu na cara.

— Ermezinda sempre gostou de chamar a atenção — comentou Leopoldina. — Não viu o jeito dela no enterro? Bancando a inconsolável no cemitério, jogando florzinhas no defunto; quem não sabia que ela detestava tio Rogério?

— Onde é que se meteu aquele urubu? — perguntou Celina.

— Subiu agora mesmo — respondeu Tereca.

Pedrosa ficou griladíssimo! Ermezinda não podia ter subido *agora mesmo*, ela já estava lá em cima, no quarto do velho, mortíssima!

Mas então... Tereca estava mentindo! Mas por quê? Pedrosa não podia perguntar nada, para não se trair.

"Mais cedo ou mais tarde o corpo vai ser descoberto," — pensou o médico — "mas não vai ser por mim!"

— Temos que passar a noite todos juntos aqui, mesmo? — perguntou Leopoldina arrastando o corpo pesado até o sofá da sala, onde todos se reuniam novamente. — Que coisa mais desagradável! Minha artrite não vai gostar nem um pouco dessa umidade.

— Paciência, prima — disse Felipe bem-humorado. — Depois que eu herdar este mausoléu, prometo que mando botar tudo abaixo e construo uma casa decente no lugar.

— Por que você acha que vai herdar a casa? — perguntou Celina com desprezo.

— Porque sempre fui o parceiro preferido do velho no dominó e no palitinho — respondeu Felipe sem se perturbar.

— Mas quem cuidou do velho fui eu! Morei aqui nesses dez anos, enquanto vocês passavam só alguns dias de cada vez. Eu é que agüentei tudo! — falou Celina quase gritando, fora de si.

— Calma, calma! — tentou conciliar Jorginho. — Não vamos perder a cabeça agora. O pior já passou. Estamos livres do Poderoso Leitão!

"O pior está para vir" — pensou Eduardo. — "Será que mais alguém tem conhecimento do diário que o velho escrevia?"

— Estamos todos nervosos — continuou Jorginho. — Mas amanhã, quando o doutor Marcondes, o advogado de tio Rogério, abrir o testamento, vai acabar nossa tensão.

"Se não acabar conosco" — lamentou-se Eduardo com seus botões.

Retomando o papel de dona-de-casa, Celina falou:

— Vou apressar o jantar. Já é muito tarde, vocês não querem subir para seus quartos enquanto isso? Chamo quando estiver na mesa.

Todos se levantaram ao mesmo tempo, e trataram de aceitar a sugestão o mais depressa possível.

Tiago e Tereca subiram. Logo em seguida Eduardo, que dormia no quarto menor, porque era solteiro; todos do lado esquerdo, junto ao banheiro. Felipe e Abigail foram para o primeiro quarto de casal, no fundo do corredor à direita, ao lado do quarto de Jorginho, que conservava o mesmo de antes do desquite. A última a se recolher foi Leopoldina, sempre resmungando e se queixando da vida. Ela ocupava o último quarto daquele lado.

No centro do corredor, diante da escada, ficavam os quartos de Rogério Matta Leitão e da falecida Sabina, seguido, agora sempre vazios, de

portas sempre fechadas. Davam para a escada de serviço, que descia para os fundos do casarão.

Cacilda e Pedrosa ficaram sozinhos na sala. O médico pensou em interrogar a mulher sobre a presença de Ermezinda no enterro, mas mudou de idéia. Achou que seria imprudência.

Dizendo que precisava telefonar, Pedrosa afastou-se de Cacilda e seguiu para o escritório de Rogério, no fundo do casarão.

Vendo o sagão finalmente vazio e tudo calmo, Celina subiu a escada dizendo em voz alta, para quem quisesse ouvir:

— Vou pegar os lençóis para fazer as camas.

Quando chegou em cima, porém, parou um instante e escutou.

Silêncio. O corredor estava deserto.

Vendo-se sozinha, a moça foi direto para o quarto do morto. Mas não chegou a tocar na maçaneta. A porta se abriu antes disso, num tranco, e de dentro saiu um vulto todo de preto: meias, sapatos e saia até as canelas, que passou ventando por ela e desabou escada abaixo, gritando:

— Ele está morto! Está morto!

Todas as portas se abriram; os hóspedes foram saindo na maior agitação.

Pedrosa apareceu no sagão com o coração pulando: "Finalmente descobriram Ermezinda" — pensou.

— Ele está mortíssimo! — repetia a voz, meio histérica.

— ELE? — estranhou o médico.

Olhando para o alto da escada, Pedrosa viu um vulto vestido de negro descer os degraus de quatro em quatro. Ficou branco de susto. O resto do pessoal veio descendo atrás, todos olhando espantadíssimos, sem entender nada.

É que do vestido preto da Ermezinda saía a cara bigoduda e bexiguenta do Gumercindo, — o eterno noivo da prima — que todos pensavam que estivesse fora da cidade.

— Quem está morto? — perguntou Cacilda, que era a única mais calma ali no grupo.

— Eduardo... está morto! — rouquejou Gumercindo com os olhos ameaçando rolar para fora das órbitas.

— Morto COMO? — perguntou Felipe.

— Foi sufocado... — Gumercindo respirou fundo antes de continuar. — Vocês não vão acreditar. SÓ VENDENDO!

Todos olharam uns para os outros, com cara de não-fui-eu-quem-será-que-foi?

Everardo Pedrosa voltou a si do espanto e foi empurrado pelos outros para subir na frente. Como médico, cabia a ele ir conferir o defunto.

Pedrosa entrou no quarto de Rogério com muita desconfiança, evitando olhar para cima da cama, onde a roupa do recém-enterrado ainda estava montada e gaiata, como antes. Mas com uma diferença, que ele notou logo. A bengala de cara-de-cachorro, agora, estava pendurada na guarda da cama.

No chão, sobre o tapete, onde deveria estar o vulto espetado de Ermezinda, estava o corpo de Eduardo. Sufocado. Com um charuto espetado na boca, descendo pela goela abaixo. Um charuto ACESO!

Pedrosa engoliu em seco, abaixou-se ao lado do defunto e apagou o charuto.

— Não mexam em nada, vamos chamar a polícia — disse Gumerindo de dentro das roupas extravagantes de Ermezinda.

— Polícia uma pinóia! — protestou Felipe. — Se fizermos isso, adeus testamento amanhã de manhã! Temos que esconder o corpo até que ele seja aberto e lido. Temos que evitar o escândalo a todo custo! Somos os Matta Leitão. — E pensou apavorado: — “Imagine o diário caindo nas mãos da polícia!”

E então veio aquela célebre pergunta:

— Onde estava todo mundo quando isso aconteceu?

Todos tinham estado sozinhos, pelo menos um quarto de hora. Nem os casados escapavam. Abigail tinha ido buscar uma colcha de crochê no quarto da falecida Sabina, e Tiago foi ao banheiro procurar comprimidos para o fígado.

Enquanto todos falavam ao mesmo tempo, Gumerindo saiu do quarto de Rogério e foi-se desembaraçar das roupas de velório. Na cabeça do noivo, um grilo que só Everardo Pedrosa entenderia:

“Onde havia se metido Ermezinda? Será que tinha encontrado o tal do diário que custara tanto esforço, e colocara ele, Gumerindo, naquela situação embaraçosa? No enterro, ninguém tinha notado nada. Mas agora...”

Um arrepio eletrificou a espinha do devotado noivo. Aquela manobra toda podia colocar a herdeira como principal suspeita da morte de Eduardo, e ele, como cúmplice!

— Que vamos fazer com ele? — perguntou Tiago apontando para o recém-defunto, que todos tinham concordado em esconder.

— Vamos embrulhar num cobertor elétrico para não esfriar — sugeriu Pedrosa, recobrando o senso prático, refeito do susto. — Ele tem que remorrer amanhã, depois da leitura do testamento, não tem?

— Ótima idéia! Assim vai ficar mole e quentinho para amanhã — concordou Jorginho.

Todos aceitaram a idéia. Era um a menos para herdar...

Pedrosa tentava agradar aos futuros herdeiros, ele ia precisar muito da compreensão deles! E lembrou-se de quando, quinze anos atrás, tinha prestado idênticos serviços a Rogério Matta Leitão, passando o atestado de óbito de Sabina como “ataque cardíaco”. Será que isso também estava no diário do velho? Era bem capaz. O senso de humor deteriorado do velho não tinha limites!

Estando todos de acordo, Celina dirigiu-se ao armário do corredor para buscar o cobertor elétrico. Quando abriu a porta, deu com um vulto negro, embolado no meio dos travesseiros e almofadas. Celina falou zangada:

— Gumerindo, chega de brincadeiras. Você está com um humor de muito mau gosto hoje. Parece tio Rogério!

— Falou comigo, Celina?

— Falei, sim. Saia daí, Gumerindo! Eu sei que você não gostava do velho, e tinha suas razões. Mas brincadeira tem hora e limites!

— Do que é que você está falando, Celina?

A voz confusa de Gumerindo vinha *de trás* — notou Celina. — E a moça foi-se virando...

De dentro do quarto do Poderoso Leitão, todos ouviram um berro em duas vozes — uma grave, outra aguda — de arrepiar os cabelos. E correram na direção.

Gumerindo puxava para fora do armário os despojos de sua ex-querida eterna-noiva Ermezinda.

— E agora, que vamos fazer? — perguntou Leopoldina de cara azeda.

Pedrosa acudiu, sem perder o sangue-frio:

— Embrulhamos dois defuntos no mesmo cobertor elétrico.

Todos se olharam. Pensavam a mesma coisa: "Dois herdeiros a menos!"

De repente, os olhares se viraram ao mesmo tempo para Gumerindo, que tinha tomado o lugar da noiva durante o enterro. Agora, todos se surpreendiam! Mas então... Ermezinda já podia estar morta há muito tempo!

Qual deles seria o assassino?

Everardo Pedrosa então falou, quebrando o gelo:

— Acho que vocês devem esperar em seus quartos até a hora do jantar. Fechem muito bem as portas! Deixem que eu empacoto os dois e levo para o porão.

— Eu ajudo você — disse Jorginho. — Podemos descer com *eles* pela escada de serviço, que dá para os fundos e direto na escada do porão.

Tiago e Felipe empoleiraram os defuntos bamboleantes nas costas de Jorginho e do médico que, abrindo a porta, sumiram escada abaixo.

O jantar já estava no meio quando Jorginho e o médico entraram na sala esbaforidos. Todos olharam ansiosos para os dois homens. Pedrosa fez um gesto afirmativo com a cabeça, indicando que estava tudo em ordem.

Ninguém falou, até que Zezé tirasse a mesa. Aí passaram para a sala de estar. Mas o silêncio continuou. Até que Gumerindo resolveu falar:

— Acho que devemos tomar alguma providência. Há um assassino entre nós. Não podemos ignorar isso!

— Gumerindo tem razão — concordou Leopoldina. — Nosso irmão Eduardo está morto, e eu acho que o assassino deve pagar. Não é justo que a gente divida com ele a herança de tio Rogério.

— Devemos fazer algo, é claro — apoiou Felipe. — Mas só depois da abertura do testamento pelo doutor Marcondes.

Felipe estava pensando em *como fazer* para apanhar a sua parte na herança e dar o fora do país, antes que os defuntos fossem encontrados. A mesma idéia passara pela cabeça de Jorginho. Quanto ao médico, só pensava em achar o diário, para se mudar da cidade.

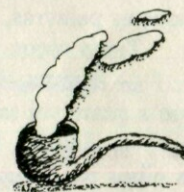
Tiago começou a suar frio, fazendo cara de enjôo. Tereca passou a mão na testa do marido, preocupada.

— Por favor, meu bem, vá buscar minhas pílulas para o fígado. Com essa confusão toda, me esqueci de tomar.

Tereca levantou-se e foi andando em direção à escada.

— Espere, Tereca, vou com você. Estão acontecendo coisas muito estranhas nesta casa — propôs Gumerindo. Os dois se dirigiram para o andar de cima.

5



O frio aumentava à medida que ia ficando mais tarde, embora o relógio estivesse parado marcando sempre a mesma hora, naquela fria noite de outono. Abigail se enrolou melhor no casaquinho de tricô feito à mão e falou:

— A gente bem que podia acender a lareira...

Todos olharam para ela espantados, a herdeira completou com cara de tonta:

— Se tivesse uma!

Celina então propôs:

— Vai ser uma noite longa, que tal se a gente fizesse um joguinho para passar o tempo? Um dominó, um buracinho...

— Por que é que a gente não faz o jogo do copo? — perguntou Abigail.

— Que jogo é esse? — quis saber Leopoldina.

— Alguém faz uma pergunta e o copo responde. É emocionante! — continuou a sobrinha bocó. — Podemos perguntar quem matou Ermezinda e Eduardo.

Todos tomaram seus lugares nas cadeiras, em volta da mesa da sala de jantar, um salão lúgubre e escuro que dava para os fundos da mansão, de onde se ouvia o assobio e o gargarejo incômodo dos canos de água, cada vez que alguém abria qualquer torneira.

Abigail cortou papeizinhos de tamanhos iguais, Jorginho foi escrevendo neles as letras do alfabeto. Os papeizinhos foram distribuídos em círculo sobre a mesa. No centro do círculo, Abigail pôs, virado de boca para baixo, um copo que Celina foi buscar na cristaleira.

— Agora todo mundo põe um dedo em cima do fundo do copo, de leve, sem fazer pressão — explicou a prima, com uma deliciosa expressão energúmena na cara.

— E depois, o que acontece? — perguntou Leopoldina, inquieta na cadeira.

— Então, cada um pensa na pergunta que quiser. Daí a gente fecha os olhos, o copo começa a correr letra por letra, formando palavras. Reunidas as palavras, aparecem sentenças respondendo às perguntas.

Tiago coçou a barba:

— Escuta, Abigail: se estiver todo mundo de olho fechado, como é que a gente vai saber qual foi a letra que o copo apontou?

— Alguém fica de olho aberto e vai anotando. Os outros fecham os olhos pra fazer *força mental* — explicou a prima.

— Está pronto — avisou Tiago. — Mas será que Tereca e Gumerindo foram fabricar as pílulas lá em cima?

— Vamos começar sem eles mesmo — propôs Abigail assanhadíssima. — Alguém feche a luz.

Nesse mesmo momento, sem ninguém se levantar da cadeira, as luzes se apagaram.

— Cruzes! — gemeu Leopoldina.

— Foi James — explicou Abigail, Tateando à procura de velas e fósforos.

— Quem é James? — perguntou Pedrosa, perplexo.

— Nos policiais ingleses não tem sempre um mordomo chamado James?

— Mas nós não temos mordomo, Abigail — falou o marido pacientemente.

— Então quem foi que apagou a luz?

— A mesma força que vai fazer o copo vibrar — explicou Pedrosa para acabar com a discussão. — Energia mental. Agora façam silêncio e pensem. Pensem com bastante força na pergunta que quiserem. Quem tiver o pensamento mais forte, vai ter a resposta.

Começaram todos a fungar e a bufar, como se para fazer *pensamento forte* fosse preciso fazer força física. Leopoldina ficou com a caneta na mão tomando notas; por dinheiro nenhum fecharia os olhos aquela noite, naquela casa. Ainda mais no escuro!

No fim de algum tempo se acalmaram, e já estavam com os dedos cansados, quando o copo tremeu. Vibrou, e deu um pulo. Depois rolou para o lado e parou diante de uma letra. Em seguida voltou para o centro, ficou vai-não-vai, foi.

E assim, cada vez mais rápido, o copo formou uma palavra, depois outra; Leopoldina grafando tudo. Até que o copo parou.

— Leia a mensagem — falou doutor Pedrosa, preocupadíssimo.

Prima Leopoldina forçou a vista e foi juntando as letras. Quando leu, deu um grunhido de espanto. Estava escrito:

“Meu sobrinho Felipe é um sem-vergonha que perdeu toda a fortuna em apostas de cavalos. Portanto, jamais será meu herdeiro. Há, Há, Há e Há!”

— ISSO É UMA CALÚNIA! — gritou Felipe, enquanto Cacilda tinha um chilique de susto. — Alguém empurrou o copo para escrever essa besteira!

Abigail falou dando um risinho:

— É mesmo. Você só aposta no burro, só uma vez jogou na borboleta. Mas no cavalo, nunca!

Felipe fez uma cara furiosa para a mulher, que engoliu de volta metade do riso. Mas Leopoldina estava impressionadíssima:

— Será que foi mesmo tio Rogério que esteve aqui e fez o copo girar?

— Se foi ele, continua mentiroso até mesmo depois de morto — protestou Felipe.

— Poi eu acho que foi uma mensagem do titio — falou Celina, felicíssima com a bronca que o primo tinha levado do morto. — Só o velho Rogério ria assim: “Há, Há, Há e Há”. Era a marca registrada dele.

— Vamos continuar — propôs Tiago. — Só assim saberemos mais.

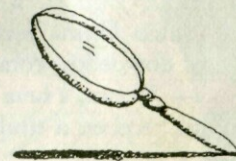
— É mesmo, melhor tirar as dúvidas — falou Leopoldina. O jogo tinha começado a ficar interessante! — Vamos fazer todos a mesma pergunta: “Quem esteve aqui?”

Novamente puseram os dedões esticados no traseiro do copo, que correu desinibido, como se soubesse as letras de cor.

Quando parou, Leopoldina leu com voz cavernosa:

“Agatha Christie esteve aqui” — estava escrito no papel.

6



Todos ficaram petrificados de susto, como estátuas encadeiradas. Menos Abigail, que aplaudia com um risinho guinchado:

— Viram só? A gente não tem lareira, nem mordomo, mas tem Agatha Christie. Não é genial?

A besteira de prima Abigail cortou o bolo de gelo. Leopoldina reagiu:

— Se é verdade que Agatha Christie veio até Jacuruçunga, não vai sair daqui sem *dar serviço*. Ela vai ter que dizer qual de nós é o assassino!

— Ótima idéia, prima! — aprovou Tiago.

Remexeram-se todos inquietos nas cadeiras, mas o jogo começou. O copo já corcoveava, quando ouviram um grito que vinha do andar de cima.

— Tereca! — exclamou Tiago, dando um salto. — É ela!

Todos correram escada acima, a respiração suspensa no ato de inspiração ou expiração, conforme tinham sido surpreendidos.

No corredor, diante da porta fechada do quarto de Tiago e Tereca, Gumercindo estava caído. Enquanto os outros reanimavam o ex-noivo, Tiago e Pedrosa arrombaram a porta trancada por dentro.

Estendida na cama, Tereca tinha os olhos arregalados e respirava com dificuldade.

— Que foi? Que não foi?

Gumercindo respondia confuso:

— Não sei! Eu estava aqui esperando, enquanto ela procurava o remédio de Tiago. E então, de repente, senti uma bordoad...

Dentro do quarto, resfolegando e tossindo, Tereca tentava explicar:

— Eu estava procurando o remédio de Tiago dentro de minha bolsa, e não conseguia achar. De repente, aquela mão branca... veio pelas minhas costas. Enfiou os dedos pelo meu nariz... ela queria me sufocar!

— Mão branca? — perguntou Tiago.

— Por que você não respirou pela boca? — perguntou Abigail.

— ...É que veio a *outra* mão branca e tapou minha boca — respondeu Tereca soluçando. — Daí eu desmaiei, e só agora voltei a mim.

Tiago começou a revistar o quarto todo, olhou debaixo da cama de casal, dentro dos armários; os outros imitando o primo, procurando também.

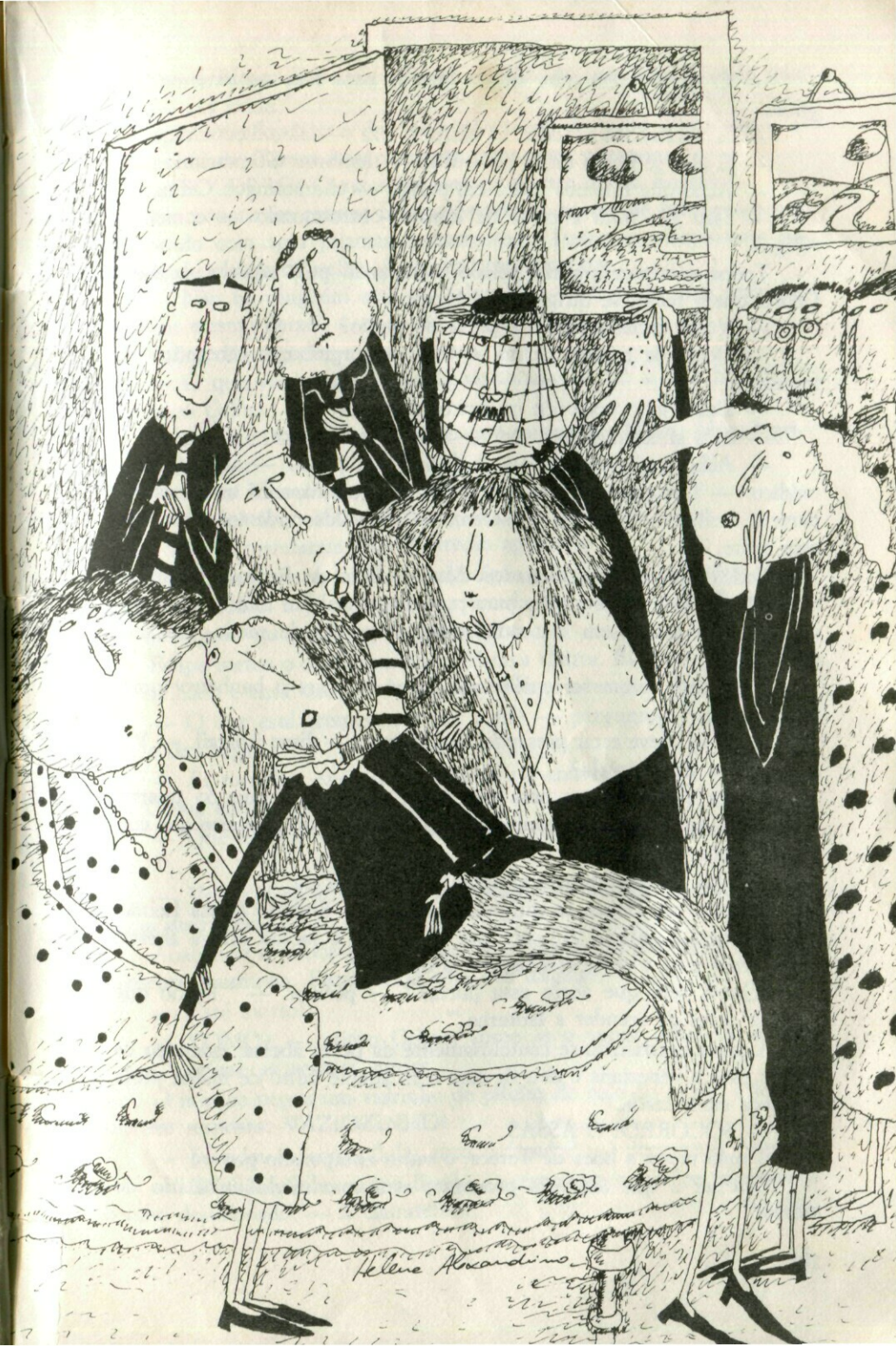
Então Celina levantou alguma coisa do chão, segurando com as pontas dos dedos, como se pegasse um rato pelo rabo:

— Vejam, a luva de pelica de tio Rogério! A que ele usou na noite em que recebeu o título de Comendador pela Liga Jacuruçunguense.

— Quem está tentando matar todo mundo? — perguntou Abigail com sua cara mais tonta.

Todos olharam para Gumercindo, que se defendeu:

— Tereca estava trancada no quarto. Por dentro!



— O quarto tem uma sacada que dá para fora — lembrou Jorginho.

— A varandinha? Todos os quartos têm — falou Leopoldina.

— E elas se ligam umas nas outras — lembrou Gumerindo.

— Acho que estamos todos em perigo — choramingou Celina.

— Isso pra mim é coisa de alma-do-outro-mundo — comentou Abigail.

Todos sentiram um fio gelado escorrendo pela espinha, mas foi Celina quem falou, se dirigindo ao médico:

— Vocês fecharam bem a porta do porão?

— Deixe de tolices, Celina — cortou Jorginho, o cabeça-fria da família.

— Desse jeito você põe os outros nervosos.

— Nós já estamos nervosos — respondeu a moça.

— Acho que vocês devem ir dormir um pouco — aconselhou o médico. — Tranquem bem as portas dos quartos. Amanhã as coisas vão parecer melhores. Se vocês quiserem, eu e Cacilda podemos ficar aqui esta noite.

Todos concordaram aliviados. Mas o alívio de Pedrosa foi maior ainda. Ele teria a noite inteira para procurar o maldito diário, enquanto os herdeiros estivessem trancadíssimos, morrendo de medo, em seus quartos.

Os primos foram se recolhendo, Tiago foi para o banheiro tomar banho.

— Tiago deve estar passando mal, mesmo — disse Abigail. — Viu só que cara de berinjela?

Tereca olhou furiosa para ela, virou as costas e saiu do quarto. Aproximou-se da porta do banheiro e ouviu a água do chuveiro que corria, os canos assobiando.

“Tenho que me aproveitar agora” — pensou ela.

Pé ante pé, Tereca se dirigiu ao quarto de Rogério Matta Leitão, abriu a porta e entrou. A porta que dava para a sacada estava aberta, escancarada para a noite escuríssima lá de fora.

“Quem será que abriu essa porta?” — pensou. — “Tenho que fechá-la antes de acender a lanterna.”

A moça aproximou-se cautelosamente da porta aberta, estendeu os braços para a veneziana e deu de cara com aquele vulto de malha preta e cabeça encapuzada.

— SOCORRO! O ASSAS...

A mão tapou a boca de Tereca, o vulto encapuzado pensou:

“Eu sei o que ela veio procurar; está com medo do diário do morto!”

Nisso, Tereca deu uma valente mordida no gordinho da mão que apertava sua boca.

Aproveitando o uivo de dor e o espanto do vulto que soprava a mão mastigada, Tereca saiu correndo do quarto, gritando:

— SOCORRO! O assassino está no quarto de tio Rogério!

Aos poucos, os primos foram abrindo as portas de seus quartos e aparecendo com seus pijamas e camisolões. Todos se atropelaram na entrada do quarto do velho. Jorginho acendeu a luz.

— Não há ninguém aqui — falou ele. — A porta está fechada, como eu mesmo deixei.

Todos olharam firme para Tereca.

— O que você estava fazendo no quarto do tio a essa hora? — perguntou Celina.

Tereca ficou verde, não sabia o que responder. Nisso, Abigail gritou do corredor:

— Água! Inundação!

— Onde? Como? O que foi?

Todos se mandaram para a direção apontada.

Por baixo da porta do banheiro, a água escorria aos borbotões, inundando o corredor. E já ia descendo a escada, em cascata, pulando alegremente de degrau em degrau, pela passadeira.

Felipe meteu o ombro na porta. Estava aberta. Ele voou pelo ladrião molhado e ensaboado, indo aterrizar sobre o cesto de lixo.

— O que está acontecendo por aqui? — perguntou Pedrosa, acabando de chegar.

— As torneiras estão todas abertas e o chuveiro ligado — respondeu Celina enquanto fechava tudo.

— Que fumaceira! Não dá para enxergar nada — resmungou Felipe.

— Vejam, aqui atrás da porta, é Tiago! — berrou Tereca. — Tiago, ai meu Deus!

Abanando o vapor pra ver melhor, Pedrosa se debruçou sobre o herdeiro, examinou. Então falou com voz trágica:

— Está morto!

— COMO? — gritou Celina, como se o vapor, além de deixar cegas, tornasse as pessoas surdas.

O médico pegou um vidrinho de pílulas do colo do morto e levantou em resposta: VAZIOZINHO!

— Suicidou-se com pílulas para o fígado? — perguntou Abigail.

— Não são pílulas para o fígado — respondeu o médico, cheirando o tubo destampado. — É cianureto!

— FOI ELA! — gritou Celina apontando Tereca. — Foi ela que matou meu irmão!

Tereca recuou apavorada.

Celina continuou acusando:

— Pensa que eu não sei o que você fez com ele? Meu irmão me contou, sua mulher desnaturada!

— Você está doida, Celina? — defendeu-se Tereca.

— Doida nada! Você vendeu toda a coleção de selos dele na Praça da República! E ele me confessou que você também estava de olho na coleção de moedas. Agora ele está morto, pode vender todas. E os maços de cigarros vazios, a coleção de revistas em quadrinhos numeradas, os rótulos de pinga, as etiquetas de roupas estrangeiras, agora você pode vender tudo, sua insensível!

Tereca estava branca como anúncio de sabão em pó, mas revidou:

— Eu também quase fui morta, lembra-se? Sufocada com uma luva. Com *duas* luvas!

— Isso é o que *você* disse. Mas quem viu? Você estava trancada *por dentro*, no quarto. Além disso, até agora, foi a única vítima que não morreu!

— Calma, Celina, calma! — apartava Pedrosa segurando a mais nova dos Matta Leitão, que queria a todo custo acertar a cabeça da cunhada com um desentupidor de pia.

— Vendi a coleção dele, sim — confessou Tereca. — Seu irmão era um pão-duro que gastava todo o nosso dinheiro em revistinhas de segunda mão, e só comprava carne de cachorro desidratada pra gente comer em casa.

Tereca estava furiosa, e até juntava cuspinho no canto da boca enquanto falava:

— Mas eu não matei ninguém, não. Assassina é você, que botou veneno no remédio de nariz do tio Rogério. Eu sei! Depois, abriu todas as portas e janelas ao mesmo tempo pra fazer corrente de ar e provocar um resfriado no velho.

— MEN-TI-RO-SA!

Celina se soltou das mãos de Pedrosa e avançou para a cunhada.

— Sosseguem, meninas! Todos tinham motivo para dar cabo do tio Rogério. Até Eduardo, que descansa em paz, falsificou a assinatura do velho, quando fugiu com a balconista da peixaria. Depois falsificou de novo, pra se ver livre dela.

— E quem matou Eduardo? — perguntou Abigail, sentada no banquinho, cortando as unhas com tesourinha de bico torto.

De repente, todos se acalmaram.

— Ela tem razão — falou Felipe. — Pela primeira vez na vida disse uma coisa sensata. Quem matou Eduardo e Ermezinda, então?

7

— Temos que nos livrar do corpo de Tiago. Que vamos fazer? Cobertor elétrico, só tem aquele — confessou Celina.

— Mas bolsa de água quente existe uma em cada quarto — lembrou Felipe.

— Isso! Tragam todas elas e vamos encher com água fervendo — disse Pedrosa. — Depois enrolamos Tiago pra se esquentar até amanhã, igualzinho aos outros dois.

— Coitado do meu irmãozinho, — falou Celina — afinal, não morreu do fígado. Isso foi uma sorte!

— Melhorou bem depois de morto — reparou Abigail. — Está até mais cor-de-rosinha. . .

— É, perdeu a cara de fruta colhida antes do tempo — notou Cacilda.

Pedrosa equilibrou o mais recente dos herdeiros-defuntos nas costas, com a ajuda de Felipe e Jorginho, e dirigiu-se para a escadinha dos fundos. Enquanto isso, Celina enchia as botijas com água fervendo e entregava a Jorginho.

— Tome. Eu não desço ao porão, nem morta!

Todos olharam para ela, Celina ficou verde-amarela. Felipe pigarreou.

Meia hora depois estavam todos reunidos na biblioteca de Rogério, repleta de livros carunchados e amarelentos pelas prateleiras.

— Vamos ficar todos aqui juntos. Assim um vigia o outro — falou Jorginho.

Ajeitaram-se todos como puderam, mas ninguém mais foi se deitar.

— Vou fazer um café para espantar o sono — anunciou Celina.

Atravessando a sala de jantar e a copa, a moça entrou na cozinha e acendeu a luz. Encheu a chaleira de água, pôs no fogo. Zezé, que dormia no quartinho ao lado da escada de serviço, abriu a porta e apareceu de roupão.

— Quer que ajude? — perguntou a empregada.

Celina reparou que ela estava com a mão enfaixada.

— Que é isso, machucou-se?

— Queimei na frigideira — respondeu Zezé arrumando as xícaras na bandeja. — O açucareiro está vazio — avisou.

— Deixa que eu encho — falou Celina, abrindo a porta do armário e retirando a lata de açúcar.

Quando levantou a tampa, arregalou os olhos apavorada e deu um berro estroboscópico!

A sobrinhada toda correu para a cozinha, seguida do médico e da mulher. Celina continuava ali parada, imóvel, branca como os azulejos da cozinha.

— Que aconteceu? Que foi? Por que foi que ela gritou?

Celina, de boca aberta e olhos saltados, olhava para dentro da lata de açúcar, onde, num vidro de boca larga — boiando num líquido amarelo —, nadava uma tripinha escura e enrugada. Pedrosa esticou o pescoço e diagnosticou:

— O apêndice de Rogério Matta Leitão, que eu operei há quinze anos!

— Tem um papelzinho junto — mostrou Gumercindo.

Jorginho pescou o papel e o desdobrou, lendo:

— Há, Há, Há e Há! Estou me vingando a prestações. Se duvidam, saibam que vocês comeram minhas amídalas à milanesa na hora do jantar.

Alguém estava, decididamente, se divertindo às custas dos herdeiros sobreviventes.

Voltaram todos para a biblioteca, Zezé serviu o cafezinho aos apavorados hóspedes, que resolveram fingir que nada estava acontecendo.

Abigail sentou-se no braço da poltrona de Leopoldina, apanhou um velho álbum de fotografias e começou a folhear. De repente parou num instantâneo amarelado:

— Olha, prima, uma foto do tempo em que você era magra e montou aquela firma de fabricar uísque falsificado!

— EU NUNCA FIZ ISSO EM MINHA VIDA!

— Como não? Você comprava garrafa vazia de bebida estrangeira e enchia, com seringa de injeção, de uísque nacional, iodo e pinga, mis-

turados. Já se esqueceu daquela vez em que eu e Felipe escondemos você da polícia, sua mal-agraçada? Tio Rogério tinha razão. Você não merecia!

Foi preciso que Felipe e Jorginho interferissem para afastar as primas, antes que as duas se embolassem.

— Meninas, meninas, vocês são duas Matta Leitão! Comportem-se à altura do nome da família — repreendeu Jorginho.

Tereca pegou o álbum da mesinha, foi virando ao acaso, até dar com uma foto de Sabina vestida de baiana, à la Cármen Miranda. O instantâneo estava solto, e embaixo estava escrito:

“Se quiser encontrar o diário, venha me procurar.”

Tereca ficou fascinada. Pensou, pensou, até dar nó nos miolos, pra ver se decifrava o enigma. De repente, um raio de luz rasgou seu cérebro.

A recém-viúva levantou-se e saiu pelo corredor dos fundos, como quem fosse ao toalete, logo ao lado da escadinha de serviço, que Pedrosa tinha usado por duas vezes naquela noite e deixara destrancada.

Na biblioteca, Jorginho olhou pensativo para Celina e falou:

— Onde é que você estava logo depois do enterro de tio Rogério? Nem bem cobriram o velho, você evaporou do cemitério.

— Eu me senti mal e fui sentar num banco da praça. Mas você, onde estava na hora do discurso do presidente da Academia Jacuruçunguense de Oratória?

— Durou cinquenta e cinco minutos, quem agüentava em pé? — protestou Jorginho, lembrando que Leopoldina também fugira do discurso.

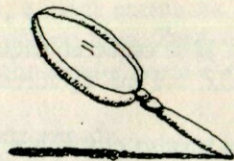
— Eu sei onde vocês querem chegar — revidou Leopoldina. — Mas se eu tive tempo de vir até aqui e matar Ermezindo, vocês todos também tiveram. Durante os pêsames eu estava lá, e não vi nem Felipe, nem Abigail — acusou a prima, em resposta.

Gumercindo não estava gostando nada daquela conversa. Mas logo ficou provado que todos tinham se afastado do cemitério durante a cerimônia, num momento ou em outro.

Ainda discutiam a embaraçosa descoberta, quando Tereca apareceu na porta, pálida como um fantasma.

— Ela está lá em cima, cantando, vestida de Cármen Miranda!

Dizendo isso, desabou como um saco de batatas.



No quarto de Sabina Matta Leitão, alguém se desembaraçou da fantasia de baiana, que tornou a vestir no manequim e desligou a antiga vitrola, onde um disco de 78 rotações ainda rodava, sem som.

Em seguida, a misteriosa personagem deslizou pelo corredor e desceu a escadinha dos fundos, sem que ninguém percebesse. Estavam todos acudindo Tereca. Todos? Na confusão, podia bem faltar alguém...

— Que foi, Tereca? Que aconteceu?

Cacilda debruçou-se sobre a herdeira, pronta para pôr em prática seus dotes de enfermeira.

— Eu fui lá em cima, no quarto de Sabina...

— Fazer o quê?

Tereca fingiu não ouvir a pergunta.

— Quando abri a porta, *ela* estava lá, requebrando e dançando.

— Ela quem?

— Cármen Miranda, vocês não ouviram Tereca dizer?

— Deixe de estupidez, Abigail. Alguém está se divertindo às nossas custas, isso sim. E só pode ser o assassino — deduziu Jorginho.

— Quem de nós não estava aqui agora há pouco? — perguntou Pedrosa.

— Gumercindo não estava — acusou Celina. — Encontrei com ele no corredor dos fundos, perto da despensa.

— Então você *também* saiu da sala — falou Leopoldina.

— Tanto quanto você — xereteou Abigail, ainda fula com a prima — eu vi você saindo...

Todos falavam ao mesmo tempo, se culpando, se acusando.

— Calma, silêncio todo mundo! — berrou Jorginho, perdendo a paciência.

Todos se calaram e olharam para o rapaz.

— Nós temos que nos controlar, senão ninguém agüenta até a hora da leitura do testamento. Estamos uma pilha de nervos!

Celina cochichou para Leopoldina:

— É a *segunda* vez que Tereca escapa do assassino. Só ela! Nenhum dos outros escapou até agora...

— É a *terceira* vez, minha querida. Se é verdade o que ela disse, escapou no quarto de tio Rogério, também.

— Até parece que Tereca é cúmplice! — continuou Celina, furiosa. — Ela queria se ver livre de meu irmãozinho. Fingia que gostava

dele, mas obrigava o coitadinho a ler *Os Lusíadas* toda noite pra ela, porque tinha insônia. Horas seguidas! Até o sono chegar...

— Que horror! — protestou Leopoldina. — Não tenho nada contra Camões, mas a letra é muito pequena.

Foi nessa hora que tocou a campainha e todos deram um salto. Uns pra frente, outros pra trás.

— Quem será a essa hora? — perguntou Felipe, olhando o relógio da parede. Estava parado. O da mesinha também. *Todos* os relógios da casa estavam parados!

— Deixem que eu abro a porta.

E Pedrosa dirigiu-se para a entrada.

— Boa noite — cumprimentou a moça toda encapotada que foi enfiando porta adentro duas malas enormes.

Passado o primeiro espanto, Jorginho perguntou para a recém-chegada, roxo de raixa:

— O que você veio fazer aqui?

— Vim receber a nossa herança, meu querido. Então o amado tio vai *dessa para melhor* e você nem me avisa?

Jorginho ficou cor de tangerina:

— Nós estamos des-qui-ta-dos, Marivalda! — berrou ele.

— Calma, amorzinho. Agora que o velho desencarnou, não há mais motivos para ficarmos separados. Ele não vai mais fazer chantagem com você, por ter roubado e vendido todas as jóias de sua finada tia, pra me montar um fliperama. Ninguém mais vai mandar você pra cadeia.

Jorginho sentiu que ia perder todo o sangue-frio.

— Talvez você fique feliz em saber que vendi o fliperama...

— Ainda bem que criou juízo! — suspirou Jorginho.

— ...e comprei uma roda-gigante.

— UMA O QUÊ?

— Roda-gigante, meu amor. Estava em liquidação no *Play Center*. Eu queria mesmo era comprar o King Kong de controle remoto, mas esse não me quiseram vender.

Jorginho caiu sentado no sofá, totalmente sem forças.

— Amanhã vocês me ajudam a montar no jardim, ajudam? Quero ver se não falta nenhuma peça.

— Eu ajudo — foi falando Abigail entusiasmada.

— Não se meta no parque de diversão dos outros, mulher. Que coisa! — reclamou Felipe.

— Acho que agora *finalmente* podemos dormir um pouco — propôs Pedrosa. E todos, exaustos, concordaram, subindo para seus quartos.

Passou um bom quarto de hora; a casa em silêncio. Só então Cacilda e Pedrosa abriram a porta do quarto de hóspedes, entre o banheiro e o ex-quarto do falecido Eduardo, e saíram pé ante pé para o corredor.

— Eu procuro em cima e você embaixo — disse Cacilda.

— Me passe a vela...

— Tome, segure um castiçal. Eu fico com outro.

Cacilda foi direto para o quarto de Rogério, e Pedrosa se dirigiu para a escadaria. De repente, a mulher estacou:

— Olhe, Pedrosa, venha ver!

No trinco da porta do quarto do velho havia um bilhete espetado. Everardo leu aproximando a luz da vela:

“Quem quiser saber a verdade, desça ao porão.”

— Que verdade será essa? Talvez o diário esteja lá — lembrou Cacilda arrepiada.

— O diário, não sei. Mas os defuntos estão. Os três!

— Será que aconteceu alguma coisa com eles, Pedrosa?

— O que pode acontecer a defunto, mulher?

— Não sei, homem. Mas isso está me cheirando mal...

— Você está sentindo, é? Será que o cobertor elétrico não está funcionando direito? É melhor eu ir lá embaixo pra ver...

— Não vai, não, Pedrosa! Eu estou com medo.

— Deixe de bobagem, mulher. Espere aqui que eu já volto.

Pedrosa desceu pela escadinha dos fundos e Cacilda ficou ali no corredor, de costas para o quarto de Rogério. Resolveu esperar o marido voltar, antes de continuar a busca.

A enfermeira apoiou o castiçal no pilar da escadaria, que dava para o saguão da entrada. De repente, sentiu um ventinho na nuca, que quase apagou a vela. Cacilda gelou até os ossos. Atrás dela, a porta do quarto do morto tinha-se aberto.

Logo em seguida, a enfermeira sentiu a curva do cabo de uma bengala em volta do pescoço, apertando e puxando. A bengala de Rogério. De cara-de-cachorro!

Abrindo a boca, meio esgoelada, Cacilda soltou um berro. Mas não saiu som algum. As pernas ficaram moles. Num esforço desesperado, ela conseguiu livrar-se da bengala e rolou pela escada.

Quando aterrizou lá embaixo, a enfermeira olhou para cima e viu — à luz da vela — o vulto de Rogério Matta Leitão. Vestido com a roupa que estivera sobre a cama.

Foi só um instante e a vela se apagou.

Nesse momento Pedrosa voltou do porão gritando por todos os poros:

— SUMIRAM! DESAPARECERAM!

Com os berros do médico, as portas tornaram a se abrir e saíram todos novamente para o corredor.

— Quem sumiu? Quem desapareceu?

— Os defuntos sumiram, não estão mais lá embaixo no porão! — respondeu Pedrosa com os olhos quase desorbitados.

— E Rogério está VIVO! Eu VI! — grunhiu Cacilda, com voz de dublagem de filme de terror. — Ele apareceu no alto da escada, vestido, de cachecol e tudo!

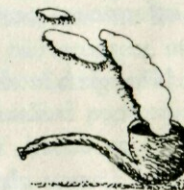
— Não pode ser, ele já foi enterrado — disse Felipe.

— Mas será que ele estava realmente dentro do caixão? Eu explico: estava lá dentro *na hora* de ser enterrado? — perguntou Pedrosa. — Não houve nem um momento em que o caixão tivesse ficado sozinho e que Rogério pudesse sair lá de dentro?

— Meu Deus! Será que tio Rogério desmorreu? — perguntou Abigail.

Todos entreolharam-se cheios de pavor.

9



Todos correram para o quarto do morto. Mas a roupa estava lá, montadíssima, sobre a colcha de crochê. Exatamente como antes.

— Está vendo? Cacilda andou imaginando coisas — concluiu Felipe.

Jorginho, porém, mais desconfiado, dirigiu-se até a porta da sacada e deu um empurrão. E ela se abriu.

— Eu mesmo fechei essa droga — falou ele. — Agora ela está só encostada. Todos os quartos estão ligados entre si pelas sacadas. Qualquer um pode ter vestido as roupas do velho, assombrado Cacilda e fugido.

— Isso resolve o problema da *aparição*, mas não o desaparecimento dos defuntos do porão — completou Everardo.

Todos saíram pela casa procurando os corpos, menos Zezé, que cruzou os braços resmungando que ia se queixar à Justiça Trabalhista, que ninguém agüenta trabalhar a noite toda, ainda mais sem ganhar hora extra!

Mas os defuntos não apareceram.

— Que gozado, vocês notaram? Três defuntos desapareceram e três mortos apareceram — falou Abigail, fazendo conta nos dedos da mão.

— Lá vem besteira — previu Celina.

— Eu não acredito em defunto-vivo, prima. Sou agnóstica — falou Leopoldina.

— Jorginho, o que é ser agnóstica? — perguntou Marivalda ajeitando as pregas do penhoar de babados.

— É doença que engorda — respondeu Abigail, pra “provocar” a prima.

Leopoldina quadrou de raiva. Quase virou paralelepípedo!

— Agora chega de brincadeiras — falou Jorginho. — Entre nós há um assassino, e é claro que ele pretende afastar do caminho o maior número de herdeiros, até a leitura do testamento. Ermezinda, Eduardo e Tiago já estão fora da jogada. Tereca quase se foi!

— Ele atacou Cacilda também, e ela não é herdeira do velho — falou Celina. — Não foi, Cacilda?

A enfermeira tocou o pescoço com os dedos, não estava sequer dolorido.

— Não, ele *não* tentou me matar. Se quisesse, poderia ter quebrado meu pescoço facilmente. Ele nem sequer apertou... eu é que me apavorei e me debati, rolando a escada. Acho que ele quis é... me assustar.

— Tirar você do caminho dele? Isso faz sentido — falou Jorginho. — Então, vamos raciocinar: quem *viu* o assassino? Cacilda não viu, estava de costas. Os outros três não podem contar. Somente Tereca escapou com vida.

Jorginho virou-se para a moça:

— Você o viu, Tereca. Apareceu pra você pelo menos duas vezes: no quarto de tio Rogério, de malha preta, e no de Sabina, vestido de baiana. Como era ele?

— Magrinho — respondeu a herdeira. — Da minha altura, mais ou menos... Podia ser homem ou mulher. Não falou, só cantou dublado. Era disco, só podia ser. Tinha aquele som fanhoso dos discos antigos.

— E no quarto de Sabina tem uma velha eletrola — constatou Jorginho.

— Se é magrinho, não pode ser Leopoldina — completou Abigail. — Ela é agnóstica...

Pela primeira vez a prima não se enfureceu com a provocação. Até suspirou de alívio.

— Quando o assassino tentou me atacar eu mordi a mão dele! — lembrou Tereca. A mão direita.

Todos olharam para Zezé, com a munheca direita enfaixada.

A empregada ficou cinza-chumbo.

— Foi gordura fervendo, acidente de trabalho, vocês vão ser processados *seus* Matta Leitão. Depois de tantos anos de dedicação total, falta de humanidade a de vocês, aristocratas rurais! E eu *não sou herdeira!*

— Tira a atadura, deixa ver se tem marca de dente ou bolha — falou Celina.

Louca de raiva, Zezé desenfaixou a mão.

— É queimadura mesmo — confirmou Pedrosa.

— Vão pro inferno, vocês todos. Vou-me embora de manhã, vou procurar outro emprego. Não sou uma qualquer, tenho Mobral, telecurso, costura por correspondência. Vou-me candidatar a um emprego público!

Gumercindo tomou a palavra:

— Vamos ver: todos os herdeiros tinham motivos para matar, menos eu. Como minha noiva foi a primeira vítima, isso me livra de suspeitas. Sem ela, não posso herdar. O mesmo não acontece com vocês. Todo mundo aqui odiava o velho Rogério, embora ninguém confessasse abertamente... E isso, por causa das brincadeiras e peças que ele pregava nas pessoas. Então...

Todos prenderam a respiração. Gumercindo ousaria falar *daquilo*?

— Começemos pela suspeita, que todos nós temos de que Rogério foi assassinado.

Pela sala passou um suspiro de alívio. Afinal, ele não tinha falado no diário.

O ex-noivo de Ermezinda continuou:

— O assassino teria começado, portanto, matando o próprio Rogério Matta Leitão. E quem mata um, não perde nada matando mais dois ou três. Agora vejamos: quem queria matar o velho e teve oportunidade para isso?

Gumercindo continuou:

— O senhor, doutor Pedrosa, como médico do falecido, tinha as melhores oportunidades. E o motivo também, pois estava devendo os fundilhos das calças ao Poderoso Leitão, que o obrigou a prestar *certos servicinhos* para ele...

Pedrosa sentiu gorgulhos na garganta, mas não pôde protestar. Gumercindo continuou atacando:

— Há quinze anos Cacilda era enfermeira de Sabina e deu

a ela pilulinhas mortais, com esperança de se casar com o viúvo. Mas ele se *desviou* do golpe, e a enfermeira caçou você.

Pouco faltou para Cacilda estourar, e Pedrosa ficou cor de mamão. Mas Gumerindo não esperou resposta. Foi em frente:

— Os dois, portanto, tinham motivo e oportunidade. Doutor Pedrosa ainda passou, por ordem do velho, o falso atestado de óbito para Sabina.

— E os outros herdeiros? — protestou Pedrosa. — Por que eu iria matar os três?

— Porque continuava devendo a todos eles. Sua situação não mudou nada. Os que morreram foram justamente os mais difíceis do senhor manobrar.

— Pois, neste caso, você também poderia ter liquidado o velho. Ontem à noite Ermezinda ainda era herdeira — estava viva. O Poderoso Rogério nunca iria permitir que você se casasse com ela, por causa do seu passado.

— Que passado? — perguntou Abigail interessadíssima.

A cara de Gumerindo ficou beterraba.

— Isso não é da conta de ninguém — protestou ele.

— Já que você está descascando o passado da gente, lá vai o seu: Gumerindo vendia vidrinhos de água-benta falsificada, na frente da Igreja de São Francisco, em São Paulo. Daí Ermezinda emprestou dinheiro pra ele montar um “consultório” na Rua da Glória, primeiro andar, sobreloja, onde “curava” males sem remédio e fazia “operações” usando tripas de porco, pra enganar os trouxas.

— Que horror! — se scandalizou Celina. — Como vocês descobriram isso?

— Rogério me pediu para investigar — continuou Pedrosa. — Enviamos lá um cara dizendo ser repórter de TV e convidamos Gumerindo para aparecer em um programa. Ele caiu como patinho!

— AH! É? IIH! OH! UUUUUH! — interjeitaram todos os presentes.

— O bobão deixou filmarem à vontade. Rogério mandou ampliar as fotos e desmascarou Gumerindo. Por isso o “famoso milagreiro” passou cinco anos na cadeia. Rogério não quis pagar fiança, está claro.

— Então ele e Ermezinda tinham motivos para detestar o velho — concluiu Celina.

— Está bem, concordou o ex-noivo. — Mas eu não tinha motivo para as outras mortes todas. E isso me elimina, a não ser que haja mais de um assassino.

— Então vamos continuar — propôs Marivalda. — Quem mais mataria Rogério?

— Seu ex-maridinho, minha cara. Jorginho teve que se separar da senhora, que é uma interesseira, com mania de comprar coisas malucas. Rogério vivia ameaçando Jorginho com a cadeia... por causa das jóias da falecida Sabina. E a senhora, assim que soube do empacotamento do velho, veio ventando para cá, com roda-gigante e tudo!

— Eu não estava aqui ontem! — gritou Marivalda.

— Quem sabe lá? Podia estar escondida por aí — falou o médico.

— Você não pode provar nada, Pedrosa. E já somos seis suspeitos.

— Seis? Até agora contei cinco — falou Felipe.

— Não vamos esquecer Celina, que envenenou o remédio de nariz do tio, e ele ficou sabendo disso.

— Mas eu não iria matar meu próprio irmão Tiago, iria? — protestou Celina, dando um salto.

— Iria sim! — confirmou Felipe. — Você odiava seu irmão, sua fingida. Foi Tiago quem contou ao tio que você pretendia envenená-lo. Tereca viu tudo. Você nunca perdoou os dois, por terem te *dedado*. Você não agüentava mais a “mandonice” do velho e tinha que continuar aqui, cuidando dele.

Nesse momento o telefone tocou. Tereca levantou o fone e quase desmaiou com o que ouviu!

10

Do outro lado, uma voz grave e bigoduda perguntou:

— É da casa do finado Rogério Matta Leitão?

— Sim, quem fala?

— Aqui é Caledônia Fontão.

— QUEM?

— A Caolha, sua capadócia. Ouça bem o que eu vou dizer: Sei que vocês estão aí brigando feito urubus, por causa da fortuna do morto. Mas eu tenho uma revelação importantíssima a fazer. Já vou indo até aí, esperem por mim. — E bateu o telefone.

A notícia da vinda da dona do bar foi um jato de água gelada por cima dos suspeitos. Ninguém mais se animou em escarafunchar o passado do outro. Leopoldina, Tereca e Felipe respiraram de alívio.

— Por que ela tem um apelido imbecil desses? — perguntou Marivalda.

Felipe explicou:

— Caledônia sempre foi muito curiosa, é o que dizem. E o boato que corre pela cidade é que ela tinha o hábito de espiar pelo buraco das fechaduras. Quem foi, e como isso aconteceu, eu não sei. Mas alguém se vingou enfiando uma chave de fenda pelo orifício, quando ela estava xeretando.

Nesse momento bateram na porta da rua. Ficaram todos de cabelo em pé, Gumercindo foi abrir, e lá estava a Caolha, abaixada, na sua posição preferida: com seu único olho mirando o buraco da fechadura.

— Qualquer dia alguém enfia a chave de fenda no outro olho — cochichou Cacilda para o marido.

— Não foi chave de fenda, Felipe se enganou — respondeu Everardo. — Foi agulha de tricô. Foi por isso que Rogério deu o bar para a Caolha. Pra fechar a boca de Caledônia, depois que Sabina *fechou o olho* dela.

— Nossa, eu não sabia! — exclamou Cacilda.

A Caolha entrou na sala onde estavam todos reunidos.

— Ahhhh! Estão todos acordadinhos da silva, não é? Pois agora vão ter motivos para uma verdadeira insônia, meus distintos.

E diante dos herdeiros espantadíssimos abriu um papel amarelo, cheio de manchas de gordura.

— Que é isso? — perguntou Leopoldina, botando os óculos.

— É uma certidão de casamento, vejam vocês mesmos, com seus pares de olhos — rosnou a Caolha.

Gumercindo arrancou o papel da mão dela, e leu:

— Rogério Matta Leitão e Caledônia Fontão... NÃO É POSSÍVEL!

— Deixa eu ver — duvidou Felipe.

— Está tudo aí, meus queridos — falou a Caolha, vitoriosa. — Podem parar de se engolir vivos, porque a herdeira sou eu. Rogério e Sabina não tinham filhos, portanto é *tudo meu*!

Um silêncio tumular baixou na sala.

— Não é verdade, isso é uma falsificação! — berrou Celina.

— Tem cópia no cartório — completou a “camoniônica” criatura. E riu: — Há, Há, Há e Há!

— Quem ensinou você a rir assim? — perguntou Tereca.

— Foi o tio de seu marido, claro. Ele sempre ria desse modo, não se lembra?

Cacilda estava espumando de raiva, porque a tal certidão datava de apenas dois meses após a morte de Sabina, o que indicava que Rogério nunca pretendia se casar com ela. Tinha sido enganada. Duas vezes!



Quando ele preferiu Sabina — que era rica fazendeira — e depois da morte dela.

Caledônia desabou no sofá e virou-se para Leopoldina:

— Não tem um pouco de uísque nessa casa? Mas não aquela droga que você falsificava e que quase deu em cana!

Leopoldina tremeu as banhas de raiva.

— Como é, onde está o safado do Tiago? Não o estou vendo por aqui — falou a Caolha, olhando em volta.

Todos ficaram rijos de pavor.

— Está dormindo — justificou Tereca, suando nas juntas.

— Aquele ordinário andou me passando dinheiro falso. Como é que vocês imprimiam aquilo? Rogério ficou furioso com ele. Tiago foi a única pessoa que enganou o Poderoso Leitão até hoje!

— Vocês ouviram isso? — perguntou Gumerindo aos outros.

Tiago e Tereca também eram suspeitos da morte do velho. Mas Tiago já estava *cancelado*. E Tereca, teria coragem de matar o marido? Celina achava que sim. Leopoldina também tinha fortes motivos para ser a assassina.

Felipe recobrou a presença de espírito e falou:

— Dona Caledônia, é muito tarde, estamos todos com sono. Portanto, vamos todos dormir, já que é madrugada. É melhor a senhora ir para sua casa.

— Minha casa agora é aqui, eu também sou da família.

Felipe ficou “mercuriocrômico”, mas se controlou.

— Pois amanhã, à hora da leitura do testamento, você volta — falou Celina, naquele tom de veja-lá-como-é-que-fala-sabe-quem-sou-eu? que os Matta Leitão assumiam diante da *plebe*.

— Eu não vou sair daqui — teimou a outra.

— Seja razoável, dona Caledônia. Nós queremos nos deitar — insistiu Jorginho.

— Pois então vamos nos deitar — respondeu ela, já de pé, pronta para subir a escada.

— Os quartos estão todos ocupados — explicou Felipe, arrepiado.

— Todos, não. O de *meu marido* está vazio.

— O QUÊ? — protestou Celina. — O quarto de tio Rogério? Mas ele morreu ontem, que falta de respeito!

— Ora, vamos, seus fingidos! Quem está se importando com isso? Vocês detestavam seu tio, pensam que não sei? Pois amanhã vão ter uma nova surpresa. Maior ainda que a de hoje, eu garanto!

Todos se olharam meio de lado. Será que ela sabia onde estava o diário? Se a Caolha sabia, poderia levá-los até ele. E todos tiveram o mesmo pensamento, num só tempo.

— Está bem, dona Caolhedônia. Fique no quarto de tio Rogério, então — falou Felipe, com uma idéia diabólica na cabeça. E não foi só ele!

Os herdeiros-e-não-herdeiros escoltaram a noiva até o quarto do defunto-esposo e, em seguida, foram para os seus.

Mal entrou e fechou a porta, a Caolha pôs-se a procurar. Então, olhando para a frente, deu com a roupa completa sobre a colcha de crochê. Viu o chapéu, o charuto, o cachecol, o par de sapatos de bico fino e a bengala de Rogério Matta Leitão. De cara-de-cachorro.

Caledônia desandou a farejar:

— Onde está o Bago-de-Milho? — rosnou ela com sua voz de cimento, fuçando em todas as direções. — ONDE? Seu velho muquirana, unha-de-fome, pão-duro, mão-de-vaca! Pensa que eu vou permitir que você vá pro inferno, me deixando pra fora do bolo da herança? Eu paguei uma nota pra conseguir aquela certidão. Ainda bem que tem gente sem-vergonha em tudo o que é profissão. Nem Tiago faria um *trabalhinho* tão bem feito de falsificação!

Furiosa, a Caolha revistava o quarto. Abriu as gavetas da cômoda, despejou tudo no chão. Depois desmontou o guarda-roupa.

— Eu quero aquele anel! — rouquejou ela. — O brilhantão que Rogério comprou pra Sabina, e eu vi ele dando pra ela, pelo buraco da fechadura. Tem que ser meu, perdi um olho por causa dele! Maldita agulha de tricô!

Ajoelhando-se, enfiou o nariz debaixo dos móveis, do tapete, do guarda-roupa. Daí teve a idéia que ninguém jamais tinha tido. Levantou-se e arrastou o móvel do lugar.

Atrás havia uma porta.

Tremendo de ansiedade, girou a maçaneta e empurrou. Alguma coisa do outro lado impedia que a porta se abrisse. Caledônia deu um safanão, derrubou um amontoado de caixas, e se enroscou numa parede de vestidos pendurados. Estava dentro de um armário embutido.

O armário estava trancado por dentro, com a chave na fechadura. Caledônia girou, e entrou no quarto de Sabina.

Acendendo a luz do abajur, a intrusa deu uma boa revistada em tudo por ali. O quarto de Sabina era enorme, um cômodo duplo, separado por um arco. Do outro lado estava a máquina de costura, uma velha eletrola e um manequim vestido com uma roupa de baiana desbotada e empoeirada: a fantasia de Cármen Miranda, com a qual Sabina ganhara o prêmio do Grêmio Recreativo Jacuruçunguense. No ano em que ela, a Caolha, se vestira de pirata!

Caledônia se aproximava fascinada pelo manequim, quando a porta se abriu atrás dela e um vulto escuro entrou como uma sombra, contra a luz do corredor...



11

No quarto de hóspedes, Everardo e Cacilda conversavam.

— Eu nunca soube que Rogério tivesse se casado — falou o médico. — Ele era esperto demais para se deixar pescar por aquela casca-de-ferida da Caolha. Se ele tivesse se casado, eu saberia.

— Rogério tinha tradição, não ia se casar com uma grossa como ela — afirmou Cacilda.

— Tradição? O que *você* sabe disso?

— Ele descende de nobres portugueses, você não sabia? O tataravô dele era tão íntimo do rei de Portugal, que o soberano convidou o amigo para comandar os navios que iam descobrir o Brasil. O próprio D. Manuel, o Venturoso! Mas o tataravô respondeu:

— “Não quero, lá só tem mosquito e índio nu. Mande Pedro.”

— Pedro?

— É, o Álvares Cabral, ora. Você acha que o descendente do homem que não quis descobrir o Brasil ia se casar com um traste como a Caolha?

— Quem te contou isso, Cacilda?

— Foi o próprio Rogério, ora.

— É bem coisa dos Matta Leitão, mesmo. Uns enjoados e preconceituosos — falou o marido. — Por isso mesmo eu não acredito que Rogério tenha se casado. Preciso dar uma olhada naquela certidão. Posso jurar que é falsa!

Tereca acabara de se deitar, quando ouviu aquele barulho na veneziana que dava para a varandinha. O barulho se repetiu mais duas vezes, como se alguém estivesse jogando pedrinhas.

A viúva se levantou e foi colar o ouvido na veneziana. Ouviu ruídos estranhos de gente tentando subir pela parede, agarrado à trepadeira.

Tereca prendeu a respiração e ficou esperando. O misterioso visitante pulou para dentro da sacada e forçou a maçaneta.

Tremendo de medo, Tereca espiou pela fresta de madeira.

Quando viu *quem* ela viu, desandou a rezar em voz alta e a se benzer.

Uma voz abafada e muito humana reclamou do lado de fora:

— Deixa disso, mulher. Abre logo que eu estou gelado!

Assim que Tiago entrou no quarto, Tereca protestou nervosíssima:

— Você morreu no banheiro, eu vi, todos viram! Morreu sentado atrás da porta, segurando um vidrinho vazio. Doutor Pedrosa disse que tinha veneno. Como é que agora você aparece pra me assombrar?

— Eu lá tenho cara de assombração, mulher?

— Como é que eu vou saber como é cara de assombração?

Tiago se aproximou e tocou no braço de Tereca, pra provar que estava vivo. Desastre! Ao sentir os dedos gelados do marido, a recém-ex-viúva recuou, dando um berro rouco:

— Uaaaaa! Tira a mão de mim, seu defunto-frio!

Tiago teve que tapar a boca da mulher (que esperneou e esbravejou como um polvo), até que ela acabasse de ouvir toda a explicação que ele tinha a dar:

— Eu descobri o vidro no armário do banheiro. O vidrinho verde, onde costume guardar minhas pílulas para o fígado. Tomei três de uma vez. Depois abri o chuveiro. Você sabe como são os canos dessa casa desmantelada. Se a gente abre a torneira da pia, sai água na banheira. Pra usar o chuveiro, é preciso abrir *todas* as torneiras ao mesmo tempo.

— Você falou em vidrinho verde? Mas estava vazio e eu guardei nele meus comprimidos de Dormirol!

— Então foi isso, eu dormi como um guarda-noturno. E daí, o que vocês fizeram comigo?

— A gente te levou para baixo, pro porão, junto com os outros defuntos. Mas como é que você desmorreu e saiu dali?

— Sei lá! Acordei num depósito de lixo — falou Tiago.

— E você não viu por lá os outros mortos? Eles também sumiram — explicou Tereca.

A Caolha olhou atordoada para o vulto que acabava de entrar.

— VOCÊ!

O misterioso vulto foi avançando em direção à intrusa, como um trator.

Caledônia Fontão recuou assustada. Alguma coisa na sombra que avançava deixou a Caolha apavorada, de cabelos arrepiados. E com razão. Em um minuto, sem saber como, ela estava pendurada pelo pescoço no lustre do teto, balançando as perninhas curtas e tortas.

— Onde está a certidão? — perguntou a enfurecida personagem. Ao revistar a Caolha, encontrou o papel.

— Me dá isso aqui! Você não pode impedir, eu sou a herdeira!

— Mortos não herdam — respondeu a terrível criatura, enquanto fazia uma bola de papel com a certidão de casamento. E, aproveitando a boca aberta da mulher que reclamava, enfiou o bolinho pela goela a dentro.

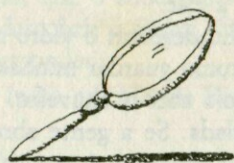
— CRRRR CRRR RRRR... — a Caolha engasgava.

O assassino pegou um espanador, que estava sobre a máquina de costura, e enfiou o cabo pela garganta da esgoelada vítima, até ela engolir o documento e a metade do cabo.

A Caolha ficou ali girando, pendurada, com as penas do espanador abertas em flor saindo pela boca, o único olho esbugalhado para o vulto em sua frente. Até que o olho se fechou.

— Pronto. Este caso está resolvido — falou a misteriosa personagem, saindo por onde entrara.

12



No dia seguinte Zezé foi a primeira a acordar. Fez café, botou a mesa. Era seu último dia naquela casa, ela jurara.

Celina foi a primeira a descer, seguida de Leopoldina e Abigail.

Pouco depois Cacilda e Pedrosa entraram na sala de refeições.

— Que horas são? — perguntou Celina.

— Devem ser umas oito horas, mas os relógios todos continuam parados, incluindo os de pulso — avisou o médico.

— O advogado chega às onze horas. Os outros ainda não acordaram?

Felipe entrou bocejando. Em seguida desceu Jorginho e, por último, Tereca.

— Onde está a Caolha? — perguntou Celina azedíssima.

— Ainda não deu a honra de sua presença — respondeu Leopoldina.

— Ótimo — disse Jorginho. — Então, já que estamos todos reunidos, vamos examinar os últimos acontecimentos. As coisas não podem ficar como estão!

— Esperem por Tiago — pediu Tereca.

Pedrosa olhou para a viúva, penalizado. Os outros ficaram encarando Tereca.

— Viram? Ela ficou maluca. Complexo de culpa por ter dado cabo do marido — acusou Celina.

— Você tem que se conformar — falou Pedrosa.

— Conformer com o quê? — perguntou Tereca muito alegremente.

— Com a morte de seu marido — prosseguiu o médico. — Tiago não está mais entre nós.

— Agora estou — respondeu Tiago entrando na sala, cheirando a loção de barba.

Celina, quando viu seu fantasmagórico irmão perfumoso e recém-barbeado, ficou verde-azinhavre.

— Tiago, você está MORTO! Como se atreve a aparecer em pleno dia, e com essa cara lavada? Que falta de respeito para consigo mesmo — falou ela indignada.

Todos olharam para o desmorrido, de boca aberta.

Não tiveram nem tempo de fechar a boca e ouviram um berro discotecal, vindo do andar de cima. Em seguida, Zezé desceu as escadas com a cara virada do avesso, de susto. A empregada apontava para o alto — falando esganiçada:

— Lá em cima... pendurada no lustre! Aquela mulher horrorosa, — a dona do bar da praça — no quarto de dona Sabina, está MORTA!

— Está mesmo morta? — perguntou Leopoldina, passado o primeiro espanto, com um sorriso de boca-inteira. — Tem certeza?

— Está com os *dois* olhos fechados — confirmou Zezé.

— Do que foi que ela morreu? — perguntou Felipe.

— De indigestão, eu acho. Tentou vomitar o espanador, mas ficou com a metade engasgada.

No maior dos entusiasmos, todos correram para cima.

Quando entraram no quarto de Sabina, lá estava a Caolha, com as perninhas balançando, pendurada no lustre do teto. Da boca brotava uma flor de penas de rabo de galo. E os dois olhos fechados. Finalmente iguais.

— Até que é útil ter um assassino na família — comentou Leopoldina.

— O que vamos fazer com ela? — perguntou Celina. — Está quase na hora do testamenteiro chegar. Não vamos querer encrenca agora, não é?

— Ninguém viu a Caolha entrar aqui ontem à noite — lembrou Felipe. — Temos que nos livrar dela.

Passando pela rua, uma voz gritava num alto-falante:

— “Atenção, moradores de Jacuruçunga! Esta é a Campanha do Amor Fraternal do Projeto Brucutu. Não neguem sua contribuição. Qualquer coisa serve: objetos usados, móveis e roupas velhas, utensílios domésticos, tapetes... qualquer coisa, generoso povo de Jacuruçunga! Tragam para nosso caminhão o que não serve mais em suas casas.”

— O Projeto Brucutu! — gritou Abigail, excitadíssima. — É a nossa chance de nos livrarmos da Caolha!

— Como é que vamos dar um defunto para a Campanha do Amor Fraternal, sua imbecil? — cortou Leopoldina.

— Como Cleópatra — falou Abigail.

— Agora ela ficou maluca de vez — lamentou Celina.

Mas Jorginho pegou a idéia no ar. Foi assim que Cleópatra conseguiu chegar até Júlio César: enrolada num tapete! Até que a burra da Abigail tinha tido uma idéia genial!

Ninguém mais perdeu tempo. Felipe e Jorginho despenduraram a Caolha do lustre e a deitaram sobre o velho tapete florido. Depois, cuidadosamente, enrolaram a defunta, formando um canudo.

— Zezé, vai buscar a corda do varal — disse Celina. Em cinco minutos a empregada estava de volta.

— Passa a ponta aqui, Felipe. Isso! Agora dá um nó aí. Pronto, está firme. Ajuda a levantar — pediu Jorginho.

— UUUUUUPA! Puxa, como pesa! Eles vão desconfiar que tem coisa dentro. Não vai dar certo — azarou Felipe.

— Nós mesmos vamos pôr no caminhão. Venha, vamos logo.

Meia hora depois, para grande alívio dos Matta Leitão, o caminhão do Projeto Brucutu deixava a cidade de Jacuruçunga, levando um monte de porcaria, e a Caolha junto.

— Já deve estar quase na hora — avisou Jorginho. Os relógios continuavam todos parados, por mais que se desse corda ou empurrasse os ponteiros. — Vamos esperar todos juntos, na biblioteca.

Só então, novamente, os candidatos a herdeiros se lembraram do diário fatal.

Sentados na biblioteca, inquietos, eles esperavam o resto do tempo passar. E, mais uma vez, foi Abigail com suas idéias malucas quem salvou a situação.

— Pra passar o tempo, vou tirar a sorte dos herdeiros — disse ela, pegando um baralho. Dispôs as cartas na mesinha, abriu e falou:

— Vejo um livrinho escuro (fez suspense), um diário.

Todos ficaram duros nas poltronas e cadeiras.

— Vejo coisas *horríveis* escritas nesse livrinho.

— De quem é esse... livrinho? — perguntou Felipe.

— De um morto-recém-defunto. E ele fala de pessoas...

Todos começaram a perguntar ao mesmo tempo de quem era, se tinha nomes gravados.

— Tem. Os nomes de todos vocês. Mas não se assustem, porque não tem nada que nós já não tenhamos descoberto esta noite.

Os primos se entreolharam, muito sem jeito. E todos tiveram a mesma idéia. Concordaram que deviam destruir o caderninho, sem mesmo ler.

— Muito bem — falou Tiago. — Então, com quem está ele?

Todos olharam para cada um. Ninguém sabia mais nada.

— Deve estar escondido por aqui; é onde vai ser lido o testamento — falou Jorginho. — Lá em cima a gente sabe que não está, todo mundo já procurou.

Como se Jorginho tivesse *dado a partida*, todos começaram a revirar o escritório, ao mesmo tempo. Nessa hora, a campainha da porta tocou.

— Já são onze horas? Não é possível!

O grupo ficou imóvel, esperando. Ouviram vozes no corredor e, então, a porta do escritório foi aberta. E entrou...

13

— ER-ME-ZIN-DA!!!

— Quem foi o abusado que me abandonou no depósito de lixo da Prefeitura? — trovejou a recém-vivida furiosa.

— Então você também foi parar lá? — perguntou Tiago.

— Conta, Ermezinda, como foi que você desmorreu? — perguntou Abigail encantada.

— É, nós vimos você deitada no chão, com a bengala de tio Rogério espetada no coração — lembrou Celina.

— E havia uma sangueira danada! — completou Tereca.

— Eu estava só anestesiada. E não era sangue, era purê de tomate. Eu e Gumercindo combinamos dele me *dublar* no enterro. Eu tinha que vir para casa...

— Procurar o diário, a gente já sabe — falou Marivalda. — Desembucha o resto.

— Bem, eu não achei. E então eu vi que o tempo ia passando e que não ia dar tempo de encontrar. Além disso, o doutor Pedrosa também vinha vindo, e eu resolvi pregar um susto nele. Só de brincadeira, pra afastar o médico do quarto de tio Rogério.

— Mas e a bengala espetada, prima? — perguntou Jorginho.

— Era uma daquelas brincadeiras de mau gosto de que o velho tanto gostava. A cara-de-cachorro tem um segredo. Se a gente aperta o focinho, na ponta do nariz, aciona uma mola e a metade de baixo da bengala entra dentro da metade de cima. Ao mesmo tempo espirra o líquido vermelho, e a bengala se prende por uma espécie de ventosa, na roupa da gente.

— Que loucura! Só mesmo tio Rogério pra ter dessas coisas — falou Celina.

— Assim que o doutor Pedrosa entrou no quarto do velho e me viu daquele jeito, saiu correndo apavorado, sem nem me tocar, pra ver se eu estava morta mesmo. Quase em seguida, antes que eu me levantasse, ouvi ruídos, e alguém mais entrou no quarto.

— Quem?

— Não pude ver. Continuei bem morta. Aquilo estava muito divertido. Mas esse alguém conhecia o truque da bengala e limpou o cabo na barra do meu vestido.

— Então essa pessoa sabia que você estava viva? — perguntou Felipe.

— Sabia. E, antes que eu reagisse, amarrou no meu nariz um lenço embebido em anestésico. Daí, eu não sei mais nada.

Celina contou a Ermezinda que ela tinha sido encontrada no armário e levada para o porão. Junto com os outros dois defuntos posteriores, Tiago e Eduardo. Para preservar o bom nome dos Matta Leitão, é claro!

Ermezinda achou que a prima tinha toda a razão. Carne estragada se enfia na língua, pro povão não perceber.

Nesse momento a cortina da janela se mexeu.

Todos ficaram duros feito garrafinhas de boliche esperando a bola.

E ela veio! Mas não derrubou ninguém, porque ver defunto ressuscitado já não espantava ninguém.

Eduardo apareceu muito sem jeito, já estava ali escondido há bastante tempo, tinha ouvido toda a conversa. Não era preciso perguntar onde ele tinha estado; do bolso do paletó saía, cortada em rosca, uma casca de batata.

Agora estavam todos os candidatos-a-herdeiros novamente vivos e reunidos, esperando o doutor Marcondes. Já devia estar quase na hora. Os relógios continuavam parados.

A campanha tocou finalmente.

Mas pouco depois, quando a porta se abriu, não foi a personagem esperada que entrou, mas um homem miúdo, de rosto vermelho e chapeuzinho tirolês.

— Nimbório Silva, detetive particular, contratado pelo falecido Rogério Matta Leitão — esclareceu ele, pondo um cartão de visitas na mão de cada herdeiro.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, até que Leopoldina gritou mais alto que os outros:

— Deixa o hominho continuar, gente!

Nimbório Silva engoliu o “hominho” com uma careta, fingindo não escutar.

Virou-se para Abigail e disse:

— Pode mostrar onde está o diário, menina.

Todos olharam espantadíssimos para a moça. Como é que justamente ela, tão bobalhona, tinha encontrado o procuradíssimo diário?

Abigail levantou-se meio sem jeito, e foi até a mesa de trabalho do tio, ali bem à vista de todos. Sobre a escrivaninha havia um tinteiro antigo, uma faca de prata, canetas e um livro escuro, encadernado em couro gasto, com o título em letras douradas:

POEMAS DE AMOR E FRATERNIDADE

Abigail pegou o livro e estendeu para o detetive, que mostrou aos herdeiros perplexos:

— Seu tio sabia que vocês jamais abririam este livro, nem por simples curiosidade. Por isso deixou ali em cima, bem à vista. Mas a senhora Abigail o abriu...

Os herdeiros todos avançaram ao mesmo tempo, para arrancar o diário do detetive. Ermezinda ganhou a parada, abriu e leu na primeira página:

DIÁRIO DE ROGÉRIO MATTA LEITÃO, dedicado a seus herdeiros.

As páginas seguintes, porém, estavam todas em branco.

— Mas como? — perguntou Ermezinda espantada. — Nenhuma linha escrita?

— Nenhuma — confirmou Nimbório. — Rogério Matta Leitão estava cansado de saber que todos só queriam o dinheiro dele e que, assim que morresse, viriam atrás da fortuna. E quis avaliar até que ponto chegaria a ambição dos sobrinhos.

Os herdeiros se olharam envergonhadíssimos. Porque a essa hora, nada do que o diário pudesse contar sobre os podres de cada um deles era mais segredo para os outros. Como idiotas, eles tinham caído na armadilha preparada pelo velho Rogério, que conhecia muito bem os sobrinhos.

— Velho asno! — gritou Leopoldina, perdendo a compostura. — Como é que ele podia querer *ver* até onde a gente ia chegar? *Mortos não vêem!*

— Espera aí — falou Jorginho. — Está certo que nós todos queríamos o diário. Mas isso não explica tudo o que andou acontecendo nesta casa, desde a hora do enterro.

— É isso mesmo — concordou Felipe. — Quem *aprontou* tudo isso?

— Quem me anestesiou com um lenço e me prendeu no armário do corredor? — perguntou Ermezinda.

— Isso eu posso responder — falou Eduardo. — Quem arrastou você até lá fui eu. Tínhamos tido a mesma idéia, aproveitar aquela hora para procurar o diário. Depois entrei no quarto do velho e, antes de começar a revistar, acendi o famoso charuto do Poderoso, só de raiva, pra me vingar dele.

— E o senhor desmaiou, não foi? — completou o detetive.

— Como o senhor sabe?

— Aquele charuto, senhor Eduardo, assim como a bengala de caradecão, foi comprado na Loja de Mágicas da Rua Direita, em São Paulo. Na verdade, o charuto deveria estourar, mas, como estava muito velho, em vez de explodir, intoxicou o senhor.

— Então foi isso que aconteceu! — falou Eduardo.

— Exatamente. O senhor estava apenas intoxicado, não morto. Mas seus irmãos e primos estavam tão ansiosos para se verem livres uns dos outros...

Um silêncio de cimento armado pesou sobre todos.

Até que Tereca falou:

— Quem tentou me sufocar com a luva do morto?

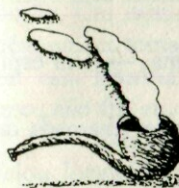
Aí, foi uma pergunta sem parar:

— Quem vestiu a roupa de Rogério e me pescou o pescoço com a bengala? — lembrou Cacilda.

— Quem era o vulto de preto que me atacou no quarto de tio Rogério? — falou Tereca. — E quem vestiu a baiana de Sabina?

— Quem levou os *mortos* para o depósito de lixo? — lembrou Pedrosa.

E todos faziam uma mesma pergunta em pensamento: “Quem matou a Caolha?”



14

— Calma, senhores, vamos esclarecer os fatos — continuou Nimbório Silva. — Um por um!

— E como o senhor pode esclarecer os fatos que se passaram aqui, se não os viu? — perguntou Gumerindo.

— Posso, porque passei a noite nesta casa, junto com os senhores.

— Como entrou? Onde estava? Quem permitiu?

— O senhor seu tio me contratou para observar tudo o que se passasse aqui, até a hora da abertura do testamento. Para isso fui pago. E como entrei? Perguntem a dona Abigail.

Todos olharam para a prima, que confirmou.

— Foi tio Rogério quem me avisou que tinha contratado seu Nimbório Silva.

— Mas por que Abigail e não eu, que cuidava dele? — quis saber Celina, despeitadaíssima. — Logo Abigail, uma debilóide!

— Porque seu tio confiava nela. Foi a única de vocês que jamais deu motivos para que o falecido utilizasse o diário. Não havia nada contra ela para registrar.

— E como o senhor pôde ter passado todo esse tempo aqui, sem que ninguém visse?

— Mas os senhores me viram! Dona Tereca, por exemplo, me surpreendeu duas vezes. Uma no quarto da falecida Sabina, outra no de seu tio Rogério.

— Então o senhor era a Cármem Miranda e o vulto de malha preta — deduziu Tereca.

— E a senhora quase me tira um pedaço — falou Nimbório, mostrando o gordinho da mão enfaixada.

— Mas, e a mensagem que eu achei na fotografia de tia Sabina? — perguntou Tereca.

— Fui eu que escrevi, — falou Abigail — quando estava olhando os retratos, antes de você. As outras mensagens também fui eu que preparei. Foi divertidíssimo, a-do-rei ajudar o senhor Nimbório a realizar as últimas vontades do titio!

— Sua zebra malhada! — berrou, indignada, Leopoldina. — Foi você quem preparou as amídalas para o jantar?

— Não tinha amídala nenhuma, gente. Foi só pra mexer com vocês. Mas o apêndice era autêntico!

— Você é igualzinha a tio Rogério — acusou Celina. — Um espírito-de-porco. Isso é coisa que se faça?

Abigail ria de se torcer. Estava vingada, de sempre ser chamada de tonta.

— Está bem — disse Tereca. — Mas eu não achei graça nenhuma em quase ser sufocada e esgoelada pelas luvas de tio Rogério. Nisso, o senhor se excedeu, seu Nimbório.

— Mas não fui eu quem atacou a senhora com as luvas, — protestou o detetive — isso, eu não fiz.

— Se não foi o senhor, então... então *tem* um assassino entre nós — falou Tiago.

Todos ficaram em silêncio, cúmplices entre si, pensando na Caolha. Mas a Caolha era um caso diferente. De certo modo, todos tinham participado da execução, nem que fosse em pensamento. Fora uma questão de justiça e sobrevivência. Mas Tereca...

— Sempre achei que você estava mentindo, Tereca — disse Celina. — Você adora chamar atenção. Ninguém tentou te matar, coisa nenhuma. Aquilo foi fingimento!

— AH, É? E quem foi que levou os defuntos-vivos para o depósito de lixo, me diga! — revidou Tereca.

— Isso eu posso responder — disse Eduardo. — Quando acordei no porão, tremendo de frio, percebi que alguém estava tentando se livrar de nós. E resolvi investigar, já que todos me julgavam morto. Levei então os outros para o depósito de lixo. Se os três defuntos sumissem ao mesmo tempo, ninguém desconfiaria de mim e o assassino ficaria assustado.

— Você sabia que eu estava viva — protestou Ermezinda. — Isso é coisa que se faça? Podia ter-nos matado de pneumonia!

— Seriam dois herdeiros a menos, não é? — reclamou Celina.

— Ora, primas! Ninguém pode ser acusado de matar dois defuntos. Ainda mais sendo o terceiro...

Depois, falou sério:

— Eu sabia que vocês dois estavam vivos. Não sou tão mau observador assim — disse olhando de lado para Everardo Pedrosa, que ficou farinha-de-trigo! — Um pouco de ar frio ia reanimar vocês.

— E quem pescou meu pescoço com a bengala? — insistiu Cacilda.

— Bem, eu tinha que vigiar a casa — falou Nimbório Silva. — As roupas do velho foram o melhor disfarce que achei. E escrevi a mensagem, para vocês descobrirem que os três herdeiros estavam vivos lá no porão. Um exame mais minucioso, e o doutor teria percebido. Mas também eu fui tomado de surpresa com o desaparecimento dos corpos. Agora: essa história de bengala que pescou o pescoço de dona Cacilda... isso, não fui eu, não!

— Acho que você imaginou isso, Cacilda. Foi o medo, decerto — falou Jorginho.

Pedrosa não disse nada. Ele estava pensando na mesma bengala, em outra ocasião.

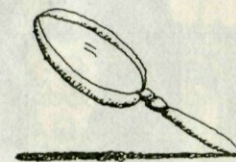
— Então, finalmente, está tudo esclarecido? — perguntou o detetive.

Ermezinda não teve coragem de falar sobre a roupa cheia de ar. Teve medo que os outros herdeiros a internassem como doida varrida, ficando com sua parte na fortuna do tio.

Nisso, a campainha tornou a tocar. O tempo tinha passado, devia ser finalmente o advogado.

Os relógios continuavam parados. Inexplicavelmente!

15

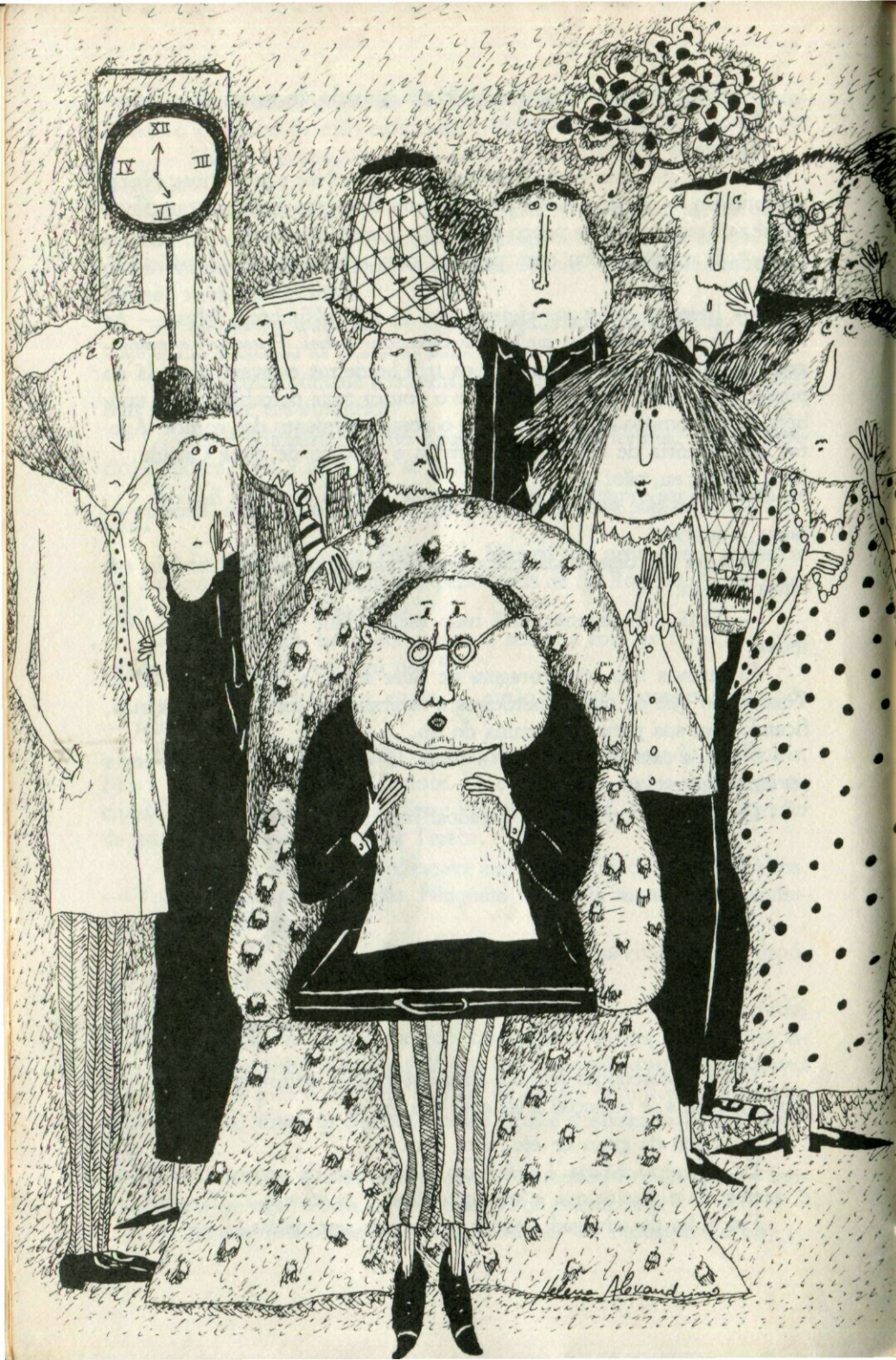


Doutor Marcondes abriu o envelope pardo, ajeitou os óculos, limpou a garganta, e começou a ler com voz grave:

— “Ano da graça de etc., etc., etc...”

Eu, Rogério Matta Leitão, em pleno uso de minha consciência e, exercendo o direito que a lei me confere... etc., etc...”

Em volta do advogado, todos escutavam sem piscar.



— "... lego a meus sobrinhos a seguir qualificados: Ermezinda Matta Leitão, Leopoldina Matta Leitão, Celina Matta Leitão, Eduardo Matta Leitão, Abigail Matta Leitão Cercado e seu marido Felipe Cercado, Tiago Matta Leitão e sua mulher Terecilda Atira e Matta Leitão e Jorginho Matta Leitão, meus cordiais votos de que sejam muito felizes, que se amem uns aos outros, e meu desejo de que tenham se divertido com todas as brincadeiras que lhes proporcionamos, enquanto esperavam pela leitura desse testamento."

Os herdeiros começaram a se remexer inquietos em suas cadeiras. Nimbório Silva olhava tudo isso com um sorriso no cantinho da boca. Cacilda e Pedrosa, sentados mais atrás, ouviam em silêncio. Doutor Marcondes deu uma tossidinha, e continuou:

— "... Quanto aos meus bens: jóias, dinheiro, títulos, imóveis e tudo o mais, nada mais possuo para legar. Abenção a todos, sem rancores ou ressentimentos.

a) Rogério Matta Leitão."

Os herdeiros olhavam atordoados para o advogado, formou-se um silêncio embaraçoso. Estavam todos desapontadíssimos, menos Abigail que, de repente, caiu na gargalhada.

— Não sei em que você está achando graça, sua cretina — danou Celina.

— Não é engraçado ver a cara de todo mundo sabendo que a tal da herança não existe? — respondeu Abigail.

— Mas e a casa? O gado? A fazenda? Para onde foi tudo isso? — perguntou Felipe.

— Para os credores, porque Rogério Matta Leitão morreu afundado de dívidas. Dêem graças aos céus se não sobraem algumas para vocês acertarem!

— Eu já estou com um pé fora dessa maldita cidade — falou Leopoldina. — Afinal, eu não sou daqui.

— Nem nós, — falou Tereca. — Por muito favor viemos ao enterro.

— Ora, quem quer essa casa desmoronada e bolorenta? — falou Celina. — Já passei a melhor parte de minha vida aqui, vou-me embora!

Olhando o diário em branco sobre a mesa, Eduardo suspirava aliviado. Escapar da cadeia, afinal, já era alguma coisa. E suou frio ao se lembrar da Caolha engolindo o cabo do espanador. Ainda bem que ninguém tinha tocado no assunto! O melhor mesmo era dar o fora dali o quanto antes.

— Mas ainda não terminou — disse o advogado.

Olhares interesseiros se esticaram, cada qual pensando que ainda podia ser beneficiado naquelas palavrinhas finais. Doutor Marcondes leu:

— “Se não posso deixar dinheiro para meus herdeiros, posso, em nome da Justiça, perdoar a dívida de duas pessoas que me ajudaram em vida: Cacilda e Everardo Pedrosa, que ocultaram o suicídio de minha esposa Sabina, que sofria de doença incurável, evitando com isso o escândalo que atingiria o bom nome da família; a enfermeira Cacilda, escondendo as pílulas e tentando reanimar a doente, e Everardo, passando o atestado de óbito. Que esse segredo jamais se torne público, e que eles fiquem em paz. As promissórias foram destruídas.”

Pedrosa suspirou aliviado. Cacilda sentiu os olhos molhados. Afinal, o velho não era a peste que fingia ser. Tinha seu coração, mesmo que fosse só bom lá no fundo.

Mas não tinha terminado ainda, e o advogado prosseguiu:

— “... E para minha sobrinha Abigail, que não tem ambição, deixo minha caixinha de música, de que ela tanto gostava; o único objeto que não deve ser entregue aos credores.”

Abigail adorou:

— Que bom! Era isso mesmo que eu queria. Adoro o *Lago dos cisnes*!

— Sua pobre de espírito! — falou o marido com cara de jiló.

Nimbório Silva levantou-se e ajeitou o chapéuzinho.

— Bem, senhores, minha missão está cumprida. Espero que todos sejam muito felizes, como puderem. Bom dia!

E saiu da biblioteca acompanhado de Zezé, que foi abrir a porta.

— Eu também vou-me retirando — disse o doutor Marcondes. — Estarei em meu escritório para qualquer esclarecimento ou dúvida que os senhores tiverem.

Quando o advogado saiu, Abigail pegou a caxinha de música para ouvi-la tocar.

— Pára isso aí — falou Leopoldina, com a voz enferrujada de raiva.

Abigail olhou para a prima com desprezo e foi se sentar num cantinho do fundo, longe de todos. Deu corda na caixa, mas a música parou.

— Ué... enguiçou. Foi Leopoldina que deu azar, aquela azeda!

Abigail sacudiu a caixa e achou que estava muito pesada. Tornou a sacudir, e ouviu um barulho no fundo. Tinha alguma coisa ali dentro.

Pegando uma faca de abrir cartas, com muito cuidado, a moça tentou retirar a tampa do fundo. Ninguém prestava atenção nela, estavam todos se lamentando, falando ao mesmo tempo, indignados, com pena de si próprios.

De repente a tampa se desprende e, no colo de Abigail, caíram as jóias de Sabina, aquelas que Jorginho tinha vendido, e que Rogério havia descoberto e recuperado. Todas! Só faltava o brilhantão que há muitos anos estava desaparecido.

A moça então repôs tudo no lugar, fixou a tampa e, com um sorriso feliz, deu corda para ouvir o *Lago dos cisnes*.

Nessa hora o cuco da parede desembestou feito louco. E todos os relógios da casa voltaram a funcionar.

A fileira de automóveis desapareceu na estradinha poeirenta; Jacuruçunga era apenas um desvio na estrada principal, asfaltada. Alguns moradores curiosos apontaram na janela para ver a partida dos herdeiros despeitados do velho Rogério Matta Leitão.

A única que ainda não tinha ido embora era Zezé, a empregada. Isso porque faltava ainda uma hora para o ônibus.

De pé, na esquina, Zezé segurava a malinha de papelão antiga, a mesma que tinha trazido de Inhapi, quando era ainda adolescente e se empregara na casa de tão importante família.

— Ninguém nem se despediu de mim — choramingou ela. — Só dona Abigail, que todo mundo chamava de tonta, me disse adeus. E dona Leopoldina me pôs esse embrulhinho na mão, dizendo pra eu abrir só depois que todos tivessem ido embora.

Os outros herdeiros? Uns unhas-de-fome! Nem uma gorjetinha, uma palavrinha de gratidão, por todos os anos de serviço dedicados, naquela casa assombrada. Dona Celina, então, nem tinha pago o INPS! E dera sumiço na caderneta dela.

Quando se viu sozinha, sem ninguém por perto, Zezé começou a abrir o pacotinho. Foi desdobrando o papel... desdobrando...

Quando viu o que tinha dentro, ficou descorada:

— O vidro com o apêndice do velho Rogério! Aquela elefanta mal-agradecida! Deve estar rindo de mim a essa hora, da peça que me pregou. Bandida!

E, num acesso de raiva, Zezé jogou com toda força o vidro contra o muro da esquina. E disse um nome bem feio!

O vidro bateu, voou caquinho pra todo lado, escorreu o líquido pela parede e a tripinha veio parar perto do pé da empregada, em cima de uma folha do jornal da manhã, que alguém tinha deixado cair ali.

Inconformada, Zezé pisoteou a tripinha. E sentiu alguma coisa dura resistir dentro do apêndice, que esborrachou feito jabuticaba.

A surpresa fez Zezé se abaixar e olhar de perto.

— MEU DEUS! O que é isso?

Era um diamante. Imenso! O Bago-de-Milho que Rogério havia comprado para Sabina e que sumira misteriosamente.

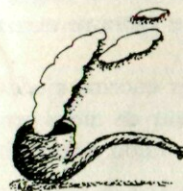
Zezé começou a rir.

— Será que o velho tinha engolido aquilo? Seria mais uma de suas brincadeiras?

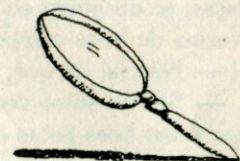
Depois, lembrou-se de Leopoldina e riu mais ainda. Se ela soubesse que havia dado o brilhantão para Zezé!

A moça não perdeu mais tempo pensando nos Matta Leitão. Meteu o Bago-de-Milho no decote, pegou a malinha de papelão e levantou a gola do casaquinho desbotado, por causa de um vento forte que soprou de repente.

O ônibus apontou adiante. Ela ia voltar pra Minas Gerais, e nunca mais pensaria naquela gente maluca.



EPÍLOGO



Quando o ônibus saiu, a folha de jornal, que estava na calçada, abriu-se com uma rajada mais forte de vento. E foi rolando... rolando... cada vez mais rápido. Atravessou a rua e parte da cidade, levada pela ventania, como se tivesse destino certo.

Parou finalmente diante das grades de ferro de um portão.

O zelador do cemitério de Jacuruçunga chegou, tirou o chaveiro do bolso e abriu os pesados portões de par em par.

Nesse momento, um furioso pé-de-vento espantou o homem para a guarita e a folha de jornal para as alamedas ajardinadas.

A folha continuou rolando... rolando, até que parou aos pés de um túmulo de mármore cor-de-rosa. Então, empinou feito papagaio e foi pousar sobre a lápide central, onde se lia:

AQUI JAZEM SABINA E ROGÉRIO MATTÁ LEITÃO
Jacuruçunga, Dia do Mês do Ano Tal.

Na página aberta estava escrito:

PRESENTE DE GREGO

Foi encontrada, no meio dos trastes velhos doados para a Campanha do Amor Fraternal do Projeto Brucutu, uma mulher enrolada em um tapete, engasgada com um espanador. Depois de devidamente desengasgada, a mulher — que tinha um olho só — botou a boca no mundo, dizendo-se herdeira de um rico fazendeiro de uma cidadezinha do interior.

A polícia investigou o caso, entrando em contato com o advogado do falecido, que informou ser algum terrível engano. O fazendeiro em questão só deixou dívidas, e a mulher deve ser maluca, pois jurava ser casada com o morto e alegava ter engolido a certidão de casamento.

Uma fumacinha leve se desprende da notícia. Uma risada fininha e marota saiu da fumacinha.

— Obrigada pela ajuda, minha amiga — disse ela na língua das fumaças, se dirigindo ao pé-de-vento, a seu lado, que agora se enrolava, em forma de brisa comportada.

— Não há de quê, companheiro. Foi um prazer enorme ajudá-lo.

— Se não fosse você, eu não poderia me redimir de meus erros e pregar umas boas peças em quem bem as merecia — falou a fumacinha, para a brisa a seu lado.

— Pois eu, há muito tempo não me divertia tanto! Nem nos tempos em que fazia Hercule Poirot e Jane Marple!

— Eu também confesso que foi divertidíssimo me *encarnar* na bengala de cara-de-cão!

— E eu me diverti manejando a bengala — “vantejou” a brisa. — Agora, tenho que voltar para minha terra. Fique em paz, finalmente, meu amigo.

— Adeus, Agatha Christie!

— Até qualquer dia, Rogério Matta Leitão.

São Paulo — Casa Branca
Casa Branca — São Paulo

— Nós também nos divertimos muito. Desejamos o mesmo ao leitor!

Os Autores:

Stella Carr
Jauquêdes José

Stella Carr e sua obra



Stella Maria Whitaker Carr Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro e foi para São Paulo com quatro anos de idade.

Frequêntou o Externato Assis Pacheco, o Colégio de Sion e fez cursos de Antropologia, Desenho e Artes Gráficas, não tendo se diplomado em nenhum deles.

Leu e escreveu muito desde pequena. Foi através do programa de rádio de Jerônimo Monteiro que ficou conhecendo as aventuras do detetive Sherlock Holmes. Stella nunca perdeu o interesse pelos contos

policiais: enquanto fazia o Curso Clássico, tinha sempre, ao lado de obras de Eça de Queirós, um livro de Edgar Allan Poe e Agatha Christie. Naquele tempo, embora houvesse muito preconceito contra as histórias policiais, mesmo assim ela fazia poesias e lia contos de terror.

Em 1965, estreou com a publicação de *Três viagens em meu rosto* — poesias, livro premiado pela Câmara Municipal de São Paulo.

Integrando o grupo de poetas da “geração dos anos 60”, publicou mais dois livros de poesia: *Matéria de Abismo* e *Caderno de Capazul*, Prêmio Jabuti de 1968.

Foi em 1969, quando era responsável pela divulgação cultural da Editora José Olympio nas escolas, que resolveu escrever para jovens. Mas só em 1977 lança sua série juvenil de livros policiais e de suspense, baseados em coisas nossas, fatos da atualidade, reportagens com várias personagens reais. Publicou *O Caso da estranha fotografia*, *O Enigma do autódromo de Interlagos*, *O Incrível roubo da loteca* (prêmio de melhor livro juvenil de 1978, pela APCA — Associação Paulista de Críticos de Arte). Mais tarde a série continuaria com *O Fantástico homem do metrô*, *O Caso do sabotador de Angra*, *O Segredo do Museu Imperial*, *O Esqueleto atrás da porta*, *Assombrassustos*.

Escreveu em 1978 *O Homem do sambaqui*, premiado como o melhor romance do ano pela Academia Paraibana.

Em 1979, a autora estreia também na faixa infantil: *Três voltas para a esquerda*, *Pedrinho esqueleto*, *Olhorão*, *Olhorudo*, *O Pavoroso gargalhão*.

Para a faixa de 8 aos 12 anos de idade, a autora preparou a recriação de fábulas. *Afuganchos*, *A Porta do vento* e *BZY* estão nesta categoria — os dois primeiros ganharam Menção Honrosa no prêmio Fernando Chinaglia do Rio de Janeiro.

Ganymédes José e sua obra



Ganymédes José Santos de Oliveira, filho de João de Oliveira e Rita Conceição Santos Oliveira, nasceu em Casa Branca, no Estado de São Paulo, em 15 de maio de 1936.

Como seus pais tinham uma grande criatividade e facilidade para os trabalhos manuais, Ganymédes cresceu numa espécie de mundo mágico, onde pedaços de papel, tinta e pincéis faziam Branca de Neve e os sete anões, arames e borrachas construíam presépios movimentados...

O primeiro livro que ele escreveu contava a estória de um porquinho que sonhava em tocar violino na orquestra. Quando mostrou a estória ao pai, ele, com toda a paciência, datilografou o pequeno conto, grampeou-o e entregou ao filho dizendo: — Aí está seu *livro*. Agora, é só fazer os desenhos.

Em 1952, ainda no ginásio, ganha Menção Honrosa no Concurso Literário Galeão Coutinho, promovido pela União Paulista de Educação, através do *Jornal de Notícias*, de São Paulo.

Em 1954, formou-se como professor normalista pelo Instituto de Educação Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, em Casa Branca.

No ano de sua formatura em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1959), sua peça *Juana Maria dos Presentes* foi encenada sob a direção de Milton Andrade, companheiro de curso, e mereceu da crítica campineira a medalha de autor-revelação do II Festival Universitário de Campinas.

Formado, começou a trabalhar no Cartório de Notas de seu pai e lecionou Inglês na Escola de Comércio.

Foi em 1982 que aceitou o desafio para escrever *A Vida de Cristo*, em vinte fascículos, sua primeira possibilidade de ser escritor editado.

Nessa época lecionava Português e cursava a Faculdade de Letras de São José do Rio Pardo.

Seu primeiro romance publicado foi *A Noite dos grandes pedidos*, a que se seguiu uma fecunda produção de textos: a série "Inspetora", a série "Vivi Pimenta", a série "Goiabinha", muitos romances, novelas, dando um total de mais de 90 títulos publicados.

A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 1975, concedeu-lhe o prêmio de melhor livro infantil por *A Galinha Nanduca*.

Passa seus dias, não muito repousantes, lecionando e curtindo seus alunos ou sentado à máquina, escrevendo peças para teatro infantil, traduzindo livros, respondendo cartas, escrevendo crônicas para o jornal *Casa Branca, Hoje*. Ele gosta disso, porque é a vida dele e por nada deste mundo pensa em parar: "Tenho de tirar de minha cabeça tudo o que ela puder dar ao mundo, porque sou agradecido a este mundo e não posso perder um único minuto em minha vida. Sou feliz e gostaria de dividir minha alegria com todos os que se dispuserem a me ler".

ALGUNS LANÇAMENTOS
DA
EDITORIA MODERNA

